

Roberto Sidnei Macedo

A ORQUÍDEA NEGRA



romance de formação



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

WALTER PINHEIRO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA

EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

André Luiz Rosa Ribeiro

Andrea de Azevedo Morégula

Adriana dos Santos Reis Lemos

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

Guilhardes de Jesus Júnior

José Montival de Alencar Júnior

Lúcia Fernanda Pinheiro Barros

Lurdes Bertol Rocha

Ricardo Matos Santana

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Samuel Leandro Oliveira de Mattos

Sílvia Maria Santos Carvalho

Roberto Sidnei Macedo

A ORQUÍDEA NEGRA



romance de formação

Ilhéus - Bahia

eats
Editora da UESC

2017

©2017 by ROBERTO SIDNEI MACEDO

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO

Álvaro Coelho

CAPA

Menandro Ramos

REVISÃO

Roberto Santos de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M141 Macedo, Roberto Sidnei
 A orquídea negra: romance de formação /
 Roberto Sidnei Macedo. – Ilhéus, BA: Editus,
 2017.
 108 p.; il.

ISBN: 978-85-7455-465-5

1. Ficção brasileira – Bahia. 2. Personagens e
características. 3. Negros na literatura. 4. Negros –
Educação (superior). 5. Negros – Genealogia. I.
Título.

CDD 869.3

EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Esta é uma obra de ficção. Mesmo apresentando narrativas que se aproximem e cite algumas situações, pessoas e acontecimentos concretos, seu enredo é ficcional.



In memoriam:

Dedico esta obra a minha tia e madrinha Lourdes. Nas conservadoras terras grapiúnas da metade do século passado, exerceu com destemor sua condição de uma das líderes religiosas do povo do candomblé.



Agradecimentos da orquídea negra

Minha gratidão a Claudio Orlando do Nascimento, Denise Guerra, Vanda Machado, Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus e Marisa Aguiar pelas inspirações que me constituíram.

Estendo essa gratidão para Joseane Barros Lima, que um dia provocou meu criador em direção à literatura, e a Jô Macedo, que alimentou o desejo e a alegria, cuidando com carinho da minha germinação e do meu florescimento.

Grata a Valéria Macedo, a Rizomar Rocha, a Patrícia Pacheco e a Sílvia Michele Macedo de Sá, por terem cuidado das indisciplinadas narrativas do meu criador.

Minha especial gratidão à confreira do meu criador, Maria Luiza Nora Andrade, por ter lançado seu olhar afetuoso e refinado sobre esta narrativa da minha história.

Axé para todos e todas!



A pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspecto de igualdade e diferença. Se não fossem iguais, os homens seriam incapazes de compreender-se entre si e aos seus ancestrais, ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações vindouras. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os seres humanos não precisariam do discurso ou da ação para se fazer entender. Com simples sinais e sons, poderiam comunicar suas necessidades imediatas e idênticas.

Hannah Arendt

No momento da conclusão desta obra (julho de 2016), vereadores de Salvador aprovaram o Plano Municipal de Educação, excluindo das suas pautas, questões étnico-raciais, de gênero e sexualidade, assim como, se divulga em todo o Brasil, as idéias de conteúdo discriminatório dos mentores da “Escola sem Partido”.

O autor

Sumário

Apresentação/15



I

Germinação /21



II

Andanças aprendentes da orquídea negra /27



III

Experiência cultural e(m) formação /57



IV

Formação na dor e na alegria /69



V

Não sabia que era impossível /87



APRESENTAÇÃO

O *ila* de cada um de nós

Stela Guedes Caputo

Oya, é uma Deusa africana e, como ensina a tradição, é na natureza que a encontramos. No africano, imenso e misterioso rio Níger, no vento, nas tempestades, no fogo. O-ya significa “ela rasgou” em iorubá, origem que remete à própria criação do rio (a filha do rei de Nupe rasga um pano preto que, ao ser estendido no chão, ele se transforma em água escura que se espalha e protege o reino¹). Orixá extremamente popular, cultuado no Brasil, para nós é mais conhecida como Iansã (mãe dos nove, intimamente ligada ao culto dos mortos), guarda a fronteira entre a vida e a morte, tamanho seu poder. É o próprio vento, mas também assume forma animal e é Búfalo africano. Mulher-Búfalo, que vive no mato, ao chegar nos terreiros, em geral, traz espada e *iruexim*, um cetro feito com pelos do rabo de cavalo que pode tanto afastar como trazer os espíritos.

1 Gleason, Judith. "Oya - um louvor à Deusa Africana". Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.

Flor, a protagonista quilombola, negra, que sai da cidadezinha colonial de Rio de Contas, onde nasceu, e segue para Salvador para ingressar na Universidade, é filha de Oya e foi justamente esse Orixá, do qual aqui só falamos um nada, que Roberto Sidnei Macedo, escolheu para conduzir este seu primeiro romance, identificado por ele mesmo como um romance de formação. Escolha certa.

Diz-se, dos romances de formação, que apresentam ao leitor ou leitora a possibilidade de ver o personagem ou a personagem crescer. Vemos seu nascimento, suas primeiras pisadas no chão do mundo, suas circunstâncias, seus modos de viver e crescer como seres humanos. E de Flor, a "Orquídea Negra", antes que dela se fale qualquer coisa, é preciso que se diga: é de Oya, do contrário, nada compreenderemos de seu caminhar, ainda que leiamos todo o livro.

Flor e seu amado Ângelo, companheiro de muitos afetos e lutas, não queriam o título universitário apenas convencional, mas estavam antes ligados a uma tradição ancestral profundamente impregnada da palavra. E a palavra não é qualquer coisa. Os ancestrais dos dois jovens negros eram, como já ensinou Hampaté Bá, a própria palavra. Impossível, portanto, a palavra esvaziada de sentido, já que a palavra, para os africanos, é o testemunho de si mesmos, compromisso de si mesmos. É a tradição africana que nos ensina em um provérbio: "Cuida-te para que não te separe de ti mesmo. É melhor que o mundo fique separado de ti do que tu separado de ti mesmo". Se a escola é um direito e o acesso a ela em todos os níveis sempre foi e continuará sendo uma reivindicação legítima dos movimentos sociais, em especial dos movimentos negros para a população negra, Flor estranhava e questionava uma escola tão apartada de suas origens, seus ancestrais, sua religiosidade, enfim, de sua vida tão viva e pulsante.

O mesmo filósofo africano nos ensina que a educação tradicional africana está ligada à experiência e se integra à vida. É curioso e muito revelador quando Bá narra um episódio ocorrido em 1928, quando um etnólogo chega à Tougan para estudar

a respeito da galinha sacrificial nas circuncisões. O comandante francês ordena ao chefe de cantão indígena que contem tudo ao etnólogo. Para os cidadãos do lugar, o único modo do etnólogo saber tudo sobre o que queria saber era ser circuncidado. Como isso não ocorreria, usaram o que chamavam "tática de por na palha", que consistia em contar qualquer história improvisada quando não se pode dizer a verdade. Viver é a necessidade de conhecer e conhecer é a necessidade de viver. Nas palavras de Bá:

Pode-se dizer que o ofício, ou a atividade tradicional, esculpe o ser da pessoa². Toda a diferença entre a educação moderna e a tradição oral encontra-se aí. Aquilo que se aprende na escola ocidental, por mais útil que seja, nem sempre é vivido, enquanto o conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser. Os instrumentos ou as ferramentas de um ofício materializam as Palavras sagradas; o contato do aprendiz com o ofício o obriga a viver a Palavra a cada gesto. Por essa razão a tradição oral, tomada no seu todo, não se resume à transmissão de narrativas ou de determinados conhecimentos. Ela é geradora e formadora de um tipo particular de pessoa.

A criança africana cresce ouvindo histórias, fábulas, provérbios e máximas, todas ligadas a fatos e feitos de seus ancestrais repetidos constantemente. Memória, história, formação, experiência não se separam e já se aprende em casa, na família. Não há conhecimento sem implicação na tradição africana. Não há conhecimento que se aparte da vida. Essa verdade soprada por seus ancestrais alcança o corpo de Flor, beija seu ouvido com o beijo do vento de Iansã, Orixá de quem é filha.

É esse eco que faz com que a protagonista da história narrada por Roberto Sidnei Macedo questione, desde sempre, as verdades transmitidas por aqueles e aquelas que desconhecem sua

2 A citação diz Homem, mas eu troquei por pessoa.

vida e, ainda assim, querem definir e dizer como ela e os seus devem viver a vida e conhecer o mundo. O mesmo eco a lança na cotidiana busca pela formação. Mas, como herdeira de tamanha tradição, Flor sabia que precisava "olhar as coisas pela janela certa", outro provérbio africano. E buscou a janela, e abriu a janela e descobriu seu mundo e o mundo dos seus. Logo no início do romance a jovem diz: "Só sei, e estou convencida, de que tenho que interferir nessas discussões sobre a concepção e reformulação curricular do meu curso. Porque minha vida profissional e minhas lutas existenciais e culturais estão aí, juntas e misturadas como a gente costuma falar". Flor já nasceu "implicada", e não poderia ser de outro modo. E vai militar no movimento estudantil e vai viver as contradições da vida universitária.

Por um lado, uma Universidade com sua fome de produtividade e quantitativismo adoecidos, com sua mesquinhez competitiva que persegue e prejudica os divergentes, os "improgramáveis" (e quem conseguiria programar o vento que é Flor?). Uma Universidade com seu preconceito epistemológico, sempre disposta a ver, ouvir e valorizar apenas o conhecimento europeu, por exemplo, e a desprezar conhecimentos que nos foram e continuam subtraídos e inferiorizados porque vindos de África. Por outro lado, a mesma Universidade com professores, professoras, alunas e alunos radiantes de vida e beleza, dentro e fora dela, também em outros espaços comunitários de educação libertária. Educadores e educadoras que percebem o currículo experimentando (in) tensamente um começo instituinte que aponta para vislumbres co-propositivos, coalizionais, pró-diversidade, com ampliados processos emancipacionistas. Nas experiências miúdas, nas brechas, nas frestas e fissuras, nas resistências afirmativas, nas transgressões, nas rasuras, nas rebeldias, como sempre buscou e nos ensinou o próprio Macedo. A esta altura já me pergunto se foi certa a escolha de nosso autor por Oya, ou se foi certa a escolha de Oya por nosso autor. O candomblé nos ensina a inverter lógicas acostumadas do pensamento.

Na sua busca incessante por saber, Flor, como os leitores e leitoras lerão, "foi pinçando argumentos onde seus interesses estavam ancorados". Questionadora de qualquer limitação, Flor lê Dewey (teórico de certa maneira discriminado pelos círculos frequentados por nossa protagonista). Veremos que este vai lhe falar diretamente ao exortar os sistemas educacionais a serem estruturados levando-se em consideração todas as fontes da experiência. Contudo, o olhar de *Flor* se deterá em algo mais vital para seus interesses existenciais, nos diz Macedo. É quando Dewey lhe pergunta: "Como poderá o jovem se tornar conhecedor do passado, de forma que tal conhecimento seja um agente poderoso na avaliação da vida atual?"

A questão posta pelo filósofo e pedagogo americano faz eco no coração de Flor porque é a questão central da ancestralidade cultuada por todo africano e alcança intrigantemente todos os seus descendentes. É muito anterior a Dewey ou a qualquer outro sistema filosófico ou tradição escolarizada que fomos autorizados a conhecer. Flor nasceu impregnada por esta questão. Estava em suas entranhas, nos tecidos de sua carne, à flor de sua própria pele. O fato de que para uns não se possa ouvi-la ou percebê-la, ou que para ela se desperte por caminhos outros, deve-se ao que em nós foi amputado, roubado, na tentativa constante de apagamento desse passado, agente poderoso de luta e transformação que, para ser legado de geração a geração, custou muito sangue, dor e mesmo.. esquecimento. Mas, aprendemos com nossos mais velhos de terreiros: "Orixá encontra a estrada que o levará ao ouvido e ao coração".

Oya sopra seus redemoinhos em Flor e em nós, fazendo revoar as folhas amarelentas de uma Universidade conservadora. O Conservadorismo é diferente da tradição pois essa última é fértil, viva, reinventada e nela bebemos tarde, mas não tarde demais. Ao revirar os papéis ao vento, Oya permitirá que os leitores vejam os chamados que o pesquisador Roberto Sidnei Macedo nos faz já há algum tempo. Veremos aqui conceitos como

etnopesquisa, implicação, pertencimento e experiência formativa. Veremos saberes implicados e atos de currículo como fluxos instituintes. Veremos seu pulsante chamamento da itinerância e da errância como caminhos para a coconstrução de campos férteis, de possibilidades de constituição pelo ato educativo de consciências descolonizadas. É disso que nosso pesquisador fala incansável e fecundamente já há algum tempo.

O bom de agora é que neste livro nos fala o romancista Macedo, que nos fará partilhar esses conhecimentos nas correrias e tensões de Flor na Universidade, com os amigos e familiares de Flor enquanto ela saboreia moquecas, acarajés, xinxins de galinha, mungunzás, cachaças e sorvetes. Enquanto ela se apaixona e vibra com seu amor. E enquanto ela e Ângelo...bem, isso eu não posso contar, vocês terão de ler.

Para finalizar esta apresentação, eu gostaria de lembrar que Orixá tem *ila*, um grito que ecoa quando chega no Àiyé (aqui no nosso mundo). Cada Orixá tem o seu. Mesmo dois Oguns, na mesma casa, não darão *ila* idêntico. Cada grito é singularizado. Na casa de santo que em que sou iniciada o novo iniciado ou iniciada leva um ano para que seu Orixá, ao chegar, dê seu *ila*. É voz tão singularizada que, ainda que estando longe, ao ouvir este ou aquele *ila* sabemos que Orixá chegou. Se foi a Yemanjá do Pai de santo ou da Dofona de Yemanjá. O *ila* anuncia a presença de nosso Orixá e ele é reconhecido onde quer que possa ser ouvido, onde seu grito alcançar. Flor, ao formar-se descobriu seu próprio *ila*. Me pergunto se existe outra função para a formação se não fazer com que cada um de nós descubra seu grito ancestral interno e o faça ecoar pelo mundo, o faça ser ouvido até onde nossa força o fizer chegar. Tenho certeza que ao finalizar este livro, meu caro Roberto, você, que já trazia seu *ila* ao mundo, o soltou de vez. Seu grito, sua voz, seu *ila* estão nessas linhas e serão ouvidos longe, porque eles são fortes e extremamente bonitos. Obrigada por nos deixar ouvi-los.



I

GERMINAÇÃO





Cronistas da sua própria existência, narrativas de formação criam-se e recriam-se através das suas rememorações. Parto da ideia de que nas vivências formativas não há idiotas culturais ou poéticos, bem como entendo que o real da formação humana nunca está pronto. A experiência formativa de quem vive singularmente processos de aprendizagem-com a vida, sempre dirá algo a mais às educações, seus planejamentos e prescrições. Provoações plebéias ao príncipe, dizia ironicamente a estudante universitária *Flor*, referindo-se ao poder excludente dos saberes com os quais foi obrigada a se escolarizar.

Trata-se de uma jovem e bela estudante de licenciatura, quilombola, nascida na cidadezinha colonial de Rio de Contas na Bahia, encravada nos montes da Chapada Diamantina, que se autodenomina e assina seus trabalhos acadêmicos como *Orquídea Negra*, inspirada nas belas orquídeas da Chapada e nas suas origens quilombolas. Com a força de uma mulher guerreira, faz emergir seus desejos de singularizar-se como mulher, negra, filha de trabalhadores e estudante implicada à sua história e cultura.

Na sua forma de expressar com inspiração e ironia a sua experiência educacional, descreve os saberes escolares eleitos para ela como formativos como uma poderosa alteza branca e patriarcal, secularmente forjada pelas dinastias e lógicas colonialistas que aqui aportaram e teimam em não partir.

Refletia a *Orquídea Negra*:

– Seu excessivo brilho prescritivo, sua vontade de controle e convencimento me ofuscam e me incomodam, mesmo quando propõem “belos” saberes para aprendermos. Suas preferências, em termos de saberes pretensamente formativos, em geral, me deixam desconfiada, muito desconfiada, quando olho pelos olhos da minha alma para a história da minha condição social, das minhas origens, dos meus ancestrais, da minha religiosidade, do meu corpo em expressão, quase sempre deturpados ou mesmo negados pelos conhecimentos das escolas nas quais estudei. Mas o que me interessa muito é o avesso da minha educação escolarizada. Esta, de alguma forma, e contraditoriamente, me ajudou a ver o outro lado da lua! Desconfio que fora da escola estão minhas mais fecundas fontes formativas. Ouvi um dia Maria Betânia dizer, quando perguntada sobre o porquê de não ter prosseguido seus estudos além do ensino médio: “Eu quis sempre cantar, falei com meus pais sobre meu desejo, eles compreenderam e me apoiaram, mas eu sou muito estudiosa, sou considerada uma das estudiosas mais refinadas da obra de Fernando Pessoa. Portanto, continuo estudando muito!” Entendo que o saber dito formativo não pode ficar acima da formação como experiência existencial e cultural de cada um de nós, até porque a formação não pode ser prescrita. O conhecimento da vida não pode ficar acima da vida, bem como as leis da felicidade não podem ficar acima da felicidade. Li essas duas últimas frases num livro de Dostoiévski denominado *O sonho de um homem ridículo*. Gostei muito!

Esboçava pelo canto da boca seu leve sorriso irônico, uma das suas armas preferidas de luta.

A *Orquídea Negra* nos fala sobre sua visão dos saberes educacionais que teve de aprender:

– Mas o príncipe, e suas (a)parições, que nos acostumamos a chamar de conhecimento escolar, vem perdendo seu rumo e seu prumo diante de tantas, várias e plebeias provocações. Nem se quer sabe mais onde se localiza a sua “torre de marfim”. Entretanto outras experiências formativas baseadas na diferença vêm produzindo aqui e ali singularidades na busca tenaz para achar seu “caminho para Damasco”.

Diz-nos ainda:

– O príncipe já não tem mais tanto poder de brincar de Deus, tantas são as provocações a ele dirigidas.

Aparece novamente o belo, sedutor e irônico sorriso de *Flor*.

– Em algum lugar o conhecimento formalizado já se percebe incerto! Vejam a desorientação de quem delirava verdades límpidas do alto da sua visão patriarcal, ao se considerar a última fronteira da realidade, ou mesmo a própria realidade, como em muitos momentos meus professores me fizeram acreditar, quando diziam: “Aprenda o que estou transmitindo. São verdades fundamentais para sua vida”! A minha relação inquieta com o saber da escola não parou aí! Descobri que saberes oficiais organizados e as fontes principais de onde retiram as lógicas que os compõem contaram e continuam contando mentiras sobre minhas tradições culturais e religiosas. Descobri também, perplexa, que a realidade de alguma perspectiva mente e é inventada! A questão é: em favor de quem? Mas fico um tanto quanto esperançosa.

Eles, os saberes que pretendem me formar, já conseguem saber alguma coisa da minha condição social, cultural e histórica por aqui. Aliás, por aqui também, estamos obrigando-os a saber! Aprendi com muita dor e perplexidade que a verdade não existe.

Torce novamente a boca para o lado.

Epifanias formativas serão semeadas por *Flor*. Emerge um modo singular de ser, aliás, o cerne do sentido de formação para ela, inspirado pelas suas (in)tensas experiências formativas.

Germina, aqui, a *Orquídea Negra*.



II

ANDANÇAS APRENDENTES DA ORQUÍDEA NEGRA





Filha de trabalhadores rurais, militante estudantil, nascida no Quilombo da Barra, próximo à cidadezinha de Rio de Contas, na Chapada Diamantina, agora estudante de uma universidade pública, acontece em formação a *Orquídea Negra*. De presença marcante, cabelos pretos e encaracolados, olhos cor de mel, sorriso largo e encantador, chegara à universidade pelo sistema de cotas, que abre aos estudantes da escola pública a possibilidade de estudos universitários sem competir com aqueles que já trazem a poderosa cota histórica da preparação universitária no seu cérebro, na sua pele e na sua alma como um capital social e cultural.

Flor é o nome dela. *Flô*, como se pronuncia por aqui, na vida cotidiana de alguns recantos da Bahia. *Flor* ela se tornara, perfume fecundo que entranha, inspira e altera. *Flor* rara, como as flores negras. Uma beleza negra como instituiu o *Ylê ayê* para mostrar, realçar e cantar. Hoje, estética afirmada no cotidiano de Salvador, a Roma Negra do Brasil.

Despediu-se da família no Quilombo da Barra onde nasceu e passara toda a sua infância e adolescência, para uma viagem

que marcará sua vida. Fora aprovada em vestibulares de universidades públicas pelo sistema de cotas. Escolhe ir para Salvador formar-se professora:

- A bênção, mainha.
- Deus lhe abençoe minha filha.
- A bênção, painho.
- Deus lhe abençoe, filha, vá com Deus.
- A bênção, vozinha.
- Deus lhe abençoe, minha fia. Que Deus passe em sua frente, minha *Flô*.

Os vizinhos chegaram e abraçaram emocionados a menina que viram nascer, brincar, crescer e trabalhar ajudando a família na comunidade quilombola. Neguinha, sua amiga de confidências, não largou sua mão. Estava em prantos. Um pedaço de sua vida estava se desgarrando. As aprendizagens nos quilombos são, acima de tudo, marcadas por uma formação na solidariedade, na cooperação, na sensibilidade histórico-cultural, implicada à defesa do território, à construção cotidiana da identidade étnico-racial, vinculadas à religiosidade e à ancestralidade; um lastro forte para a atuação e os posicionamentos de *Flor* na sua vida em formação. Acrescente-se a essas marcas o fato de *Flor* ter convivido, desde a sua infância, com certa perplexidade, produzida a partir da proximidade com a comunidade de Mato Grosso, denominada de “Vila dos Brancos”. Essa comunidade é singularizada pela descendência portuguesa que se fechou a qualquer relação de miscigenação. Conta-se que os negros dos quilombos da Barra e do Bananal têm uma relação pacífica com a comunidade de Mato Grosso, mas restrita à disponibilidade das suas forças de trabalho e à possibilidade de negócios.

Com a alma sufocada e o corpo em dores, *Flor* pegou o ônibus para Rio de Contas. Da janela, olhou com saudade para os

lugares onde brincara e construíra sua infância e adolescência rurais, bem como para a singela escola pública onde se alfabetizara. A cada rua e sítio do quilombo percorridos pelo ônibus acenava para parentes e amigos, até desaparecer com os olhos encharcados de lágrimas entre os montes que desenham a bela Chapada Diamantina, levando seus parques pertences. Deixou para trás parte da sua marcante história vivida no Quilombo da Barra, localizado nos vales entre as Serras das Almas e a Serra do Malhado, acerca de 15 km a oeste de Rio de Contas. Doía no peito de *Flor* se desgarrar da comunidade de negros, segundo os mais velhos, fundada por um dos seus ancestrais, Isidro Joaquim da Silva. Era forte na memória comunitária de *Flor* que Barra foi conquistada e construída por Isidro. Não havia, nas narrativas dos seus parentes mais velhos, traços de memória que caracterizassem Barra como um lugar construído por escravos em fuga. O mito fundador contado pelos mais velhos era de que foi uma conquista pelo trabalho familiar liderado por Isidro Joaquim da Silva.

Em poucos minutos, avistou Rio de Contas que brota graciosa de uma pequena planície em meio aos recortes montanhosos. As cores vivas do casario colonial alegraram um pouco sua alma saudosa e cheia de insegurança. O medo de estar indo estudar em Salvador, numa universidade pública, pelo sistema de cotas, somava-se à saudade que apertava o peito da jovem negra de dezessete anos. *Flor* não sabia se suportaria tantos estranhamentos ou, quem sabe, discriminações e insultos. Mas havia uma decisão que a confortava. Em dois meses sua família também se mudaria para Salvador para apoiá-la nos seus estudos. Aquela família de negros trabalhadores sabia o que representava para eles *Flor* formar-se educadora numa universidade pública.

Chegando a Rio de Contas, encontrou os amigos que a levariam até Vitória da Conquista para seguir para Salvador, onde iria morar temporariamente na residência universitária. Recebida pelos antigos colegas que também iriam com ela estudar na cidade, *Flor*

reservou um dia para conviver, compartilhar angústias e esperanças com eles, antes de partir para o desafio maior da sua vida. Queria se despedir da primeira cidade que conheceu e a acolheu, fundada por seus ancestrais escravos alforriados que se instalaram à beira do Rio de Contas Pequeno. Primeiros habitantes de Rio de Contas, esses ex-escravos foram fundadores do povoado Pouso dos Crioulos, que deu origem à cidade, fundada por Provisão Real em 1745. Numa manhã fria ainda em revelação, com tímida luz do sol e montes encobertos de nuvens baixas, saiu só a passear pela cidadezinha, percorrer suas coloridas ruas e praças, olhar seus casarios coloniais feitos de adobe, bem como os monumentos e igrejas construídos com pedras de arenito. *Flor* parecia querer que aquelas imagens a acompanhassem de forma marcante para o resto de sua vida.

Já totalmente envolvida no cotidiano da lida universitária, expressando sua singular maneira de se implicar em situações fundamentais de sua formação, viu-se na iminência de opinar e agir em meio aos saberes veiculados pelo seu cenário formativo. Nunca mais esquecera o que ouvira de uma de suas professoras: “Escolarizar-se significa aprender um conjunto de saberes e fazeres que alguns especialistas elegem como formativos”. Quem elege? Como elege? Para que elege? Contra quem elege? São questões que não saíam mais do pensamento inquieto da assertiva e politicamente engajada estudante negra. Até porque pouco se reconhecia nos saberes escolares que teve que engolir e regurgitar em provas e testes.

Nestes cenários educacionais, foi percebendo, perplexa, como era invisibilizada pelos saberes curriculares entre outras construções pedagógicas. Percebia, nos livros que lhe eram impostos para sua formação escolar, que todas as vezes que se referiam à sua cultura e história social e quando tentavam falar sobre elas, em geral falavam contra elas. Quem os escrevia não tinha essas experiências na pele, na alma e na carne. Sua linguagem não estava à flor da pele. Não deixavam as reflexões inquietas de *Flor* as ideias impostas

à sociedade brasileira de que o cabelo do negro é ruim, que o negro é menos inteligente e é feio, que o candomblé não é uma religião, que o principal evento que marcou a presença do negro no Brasil foi a “libertação” dos escravos realizada pela Princesa Isabel, que a preguiça no negro é inata e que está talhado apenas para o trabalho braçal. Percebia que, nestas formas perversas de tratar com o ser do homem e da mulher negros habitavam um fascismo e uma perversidade social e histórica que persistiam, de forma disfarçada, ao se rejeitar, por exemplo, as políticas de reparação e de ações afirmativas sob o argumento de que estavam criando novos privilégios. Avaliando as conquistas fulcrais já realizadas por essas políticas, *Flor*, na sua sanha pela luta emancipacionista, empoderou-se ao pensar em homens e mulheres negros, como Machado de Assis, Milton Santos, Amílcar Cabral, Ubiratan de Castro Araújo, Jaime Sodré, Abdias Nascimento, Maria Firmina Reis, Auta de Souza, entre outros, por este país e pelo mundo a fora.

Como (in)tensa cronista do mundo e de si, em meio a uma dessas reuniões colegiadas infindáveis dos cenários universitários, *Flor* fez um desabafo e realizou uma demanda:

– No momento não sei bem o que é isso que chamam na pedagogia de currículo. Tentam me convencer que tem a ver com saberes formalizados que dizem ser formativos para mim e para os meus colegas. Vivendo isso de perto, só sei, e estou convencida de que tenho que interferir nessas discussões sobre a concepção e reformulação curricular do meu curso, porque minha vida profissional e minhas lutas existenciais e culturais estão aí, juntas e misturadas, como a gente costuma falar. Quanto à definição do que seja formação, para mim é só confusão no momento, acabo misturando tudo. Algo me diz que um dia terei que entender bem isso. Só imagino que tem a ver com a centralidade dos meus estudos e com minha condição cultural, talvez mais do que desconfinho, os saberes importantes para minha vida que devo aprender.

Quem sabe eu esteja fazendo o caminho errado, achando que devo discutir aquilo que não compreendo bem. É curioso, meio doido, mas é isso mesmo! Por enquanto é muito mais o incômodo e a vontade de compreender. Mas um dia vi alguém falar do incômodo como um dos caminhos da formação, do valor do aprender fazendo, e que formação implica em um modo de ser singular. Venho me identificando com esses pensamentos, apenas isso, identificação e vontade de interferir a partir das minhas experiências formativas refletidas. Mesmo inquieta, às vezes angustiada, vou seguindo minhas intuições e reflexões ainda pouco claras de que formação, se é modo de ser singular, passa necessariamente por aí, cria implicação política, cultural e histórica.

Mas ela ouvira, durante uma aula, numa sala ao lado, sem qualquer aparato de isolamento de som, através da voz de um professor que quase berrava para ser ouvido, num ambiente de ruídos os mais diversos, que o conhecimento moderno, concebido como seleção e organização de saberes vindos da ciência e das pesquisas acadêmicas destinadas a formar pessoas, nasce se querendo um padrão a ser aplicado de forma descuidada em qualquer contexto, em qualquer história e cultura. Curiosa, estava difícil ouvir mais sobre essa história. Ruídos de carros, sons de alto-falantes de manifestações dos colegas do Diretório Acadêmico da sua faculdade, estudantes e professores falando alto nos corredores, se misturavam aos sons de uma bela roda de capoeira, onde o berimbau dava o tom dos cânticos que não raramente ouvimos pelos cantos da cidade. Com os berros do professor construía-se um conjunto dissonante e inorquestrado de sons. A fala do professor virou ruído em meio ao caos sonoro. Inquieta, *Flor* ainda não imaginava que ruídos também podem nos formar pelas inquietações que forjam em nossa vontade de saber. Ficaram frases e conceitos que a incomodaram bastante. Descobrirá posteriormente de forma mais refinada que os incômodos nos desafiam a nos formar e produzem saberes.

– Conceitos ainda fora do meu alcance, (pensava ela, tentando captar algum sentido para reforçar o seu discurso de militante estudantil interessada nas “coisas” do (seu) currículo e da (sua) formação). Tentava construir um discurso engajado, muitas vezes excessivamente implicado, pois a militância cultural e histórica que ao mesmo tempo a impulsionava, também embotava reflexões mais refinadas e estratégias taticamente criativas.

– Se não aprovarem discussões mais ampliadas sobre nossa formação, vamos invadir essa reunião quantas vezes forem necessárias!

O discurso da invasão se consubstanciava numa arma para enfrentar as tiranias de alguns docentes que expressavam atitudes de uma ciência e uma educação pautada no controle excludente ou politicamente “despreocupado”. *Flor* vivia um momento em que tanto professores como estudantes estavam submetidos a pesadas avaliações em larga escala. O valor supremo era o controle para eliminação, caso os padrões recomendados não fossem alcançados pelas atividades que realizavam. A eficiência pedagógica era medida e se pautava no gosto sádico pela eliminação da diferença e dos espíritos imprográveis, pela padronização dos currículos e suas avaliações.

Ela fora informada, também, através de um grupo de estudos do qual fazia parte, sobre a influência do pedagogo John Franklin Bobitti, no início do século passado, na criação da concepção de currículo destinada à orientação visando fabricar seres adaptados para o mundo industrial em ascensão. Ficou impressionada com o teor extremamente militante da narrativa do colega Ângelo do Diretório Acadêmico, por quem guardava admiração acadêmica e muitos outros afetos; ele falava em barrar, mesmo que à força, as reformulações curriculares que se arquitetavam nas restritas reuniões do seu colegiado de curso, as quais eram impostas sem qualquer discussão com a comunidade universitária implicada. A disciplina Educação e Diversidade fora retirada do currículo do seu Curso

sem consulta à comunidade acadêmica, como um mero ato burocrático de jogo de cargas horárias para ajustar políticas educacionais de governo. Isso revoltava Ângelo e os colegas do Diretório Acadêmico, pois a entrada dessa disciplina no currículo fora uma conquista dos estudantes que queriam discutir cultura e temas pró-diversidade e pró-diferença de forma proativa.

Flor tinha uma simpatia especial por Ângelo, compartilhava profundas identificações e desejos políticos, entre outros desejos que cada dia de convivência se ampliavam e se intensificavam. Adepto da capoeiragem da cidade da Bahia, Ângelo, um angoleiro militante, era espirituoso, inteligente e corajoso na lida e na luta estudantil. Ademais, era de *Oxum*, uma Orixá do candomblé pela qual *Flor* sentia-se profundamente atraída. Na sua forma leve e fagueira de andar, moldada pelo molejo de quem tinha a capoeira angola como um modo de ser e uma densa experiência formativa, tanto cultural quanto histórica, Ângelo nunca deixava de, pelo menos uma vez por dia, assoviar a música que o marcava como devoto de *Oxum* e apaixonado pelo cotidiano da cultura afrobaiana da sua Roma Negra. Seu assovio o identificava de longe. Traduzia, ao seu modo, o canto que, para ele era da sua cidade, canto criado pelos cantadores do samba de raiz da cidade da Bahia, Vevé e Jerônimo. Um hino, para Ângelo, por isso era conhecido nas rodas de capoeira como *Gato d'Oxum*. Vivia cantolando:

*Nessa cidade todo mundo é d'Oxum
Homem, menino, menina, mulher
Toda cidade irradia magia
Presente na água doce
Presente na água salgada
E toda cidade brilha
É d'Oxum...
É d'Oxum...*

Mas *Flor* ficou perplexa quando leu que, no mesmo contexto do pensamento pedagógico tecnicista dos Estados Unidos, trabalhou John Dewey, o maior inspirador do educador baiano Anísio Teixeira, tentando convencer a educação americana e o mundo de que a experiência de quem aprende deveria ser tomada como a preocupação central para qualquer ação educacional. Ficou mais preocupada quando percebeu que vivemos de forma perigosa, porque disfarçada, certo tecnicismo excludente na forma de pensar e organizar saberes eleitos como formativos. Na perspectiva tecnicista, a diferença é uma complicação, portanto, deve ser evitada. Presenciava a universidade ser ameaçada pela racionalidade burocrática através da exclusão de pesquisadores enraizados em importantes questões culturais e históricas de negros, mulheres e índios, por exemplo. *Flor* não suportava qualquer tipo de exclusão. Para ela, era uma ameaça à diversidade formativa da humanidade. Um mal dirigido à humanidade, enfim.

Flor e Ângelo estavam numa reunião convocada pela sua faculdade para discutir a avaliação do seu curso. Ficaram a par das orientações do órgão que avaliava e financiava o ensino e a pesquisa nas universidades do país, acima de tudo interessadas tão somente numa perspectiva produtivista e padronizada de gestão universitária. Souberam que vários professores que atuavam e pesquisavam questões pró-diversidade e pró-diferença sofriam exclusões, porque não tinham o tipo de produção acadêmica requerido pelo órgão central de avaliação do Ministério da Educação. Ouviam um mero discurso de ajustes pronunciados para o cumprimento fiel a um processo de exclusão intelectual e acadêmica onde não cabiam mais, em qualquer hipótese, espíritos improgramáveis nas suas formas *singulares e singularizantes* de viver experiências formativas. Esse modo de *deformação* já atingia muitos dos seus colegas ameaçados de jubilamento.

A ameaça, o controle e as metas “a serem batidas”, eram vistos como os critérios maiores da “formação”. *Flor* e Ângelo esta-

vam estupefatos. Mexiam-se, cochichavam o tempo todo fazendo anotações. A omissão do debate sobre uma universidade cultural e historicamente referenciada sequer era ventilada. A meta que regia os encaminhamentos a serem cada vez mais rigidamente gerenciados, era tirar uma nota alta na avaliação institucional. Rigidez e quantitativismo alienado eram sempre confundidos com qualidade. Ouviam mais estupefatos ainda, quando um professor se dirigiu à plateia de jovens estudantes presentes na reunião e vociferou enfaticamente:

– Acabou esse negócio de ineditismo na universidade. Produzam, produzam e produzam! Façam números! Sejam rápidos em tudo que produzirem! Assim seremos todos felizes...Concluiremos nossas formações com mais celeridade, seremos bem avaliados e teremos verbas para pesquisas e publicações.

Ao abrirem o debate, *Flor*, Ângelo e Naira Pataxó, uma combativa colega indígena pertencente ao povo Pataxó Há, Há, Hãe do sul da Bahia, se inscreveram e se dirigiram aos membros da douta e formal mesa da faculdade que discutia a avaliação da instituição:

– Então é preciso essa obediência cega diante das avaliações centrais para se efetivar uma formação universitária de qualidade? Não há possibilidade de qualquer estratégia de autonomia no horizonte? (indagou Ângelo).

– Vocês não percebem que estamos a caminho de fabricar uma universidade fascista, se é que isso é universidade? (Interferiu *Flor* com sua forma incisiva de tratar problemáticas da sua formação).

– Não percebem que estão esquecendo ou escamoteando uma universidade pró-diferença e crítica e que sem isso não temos universidade? Vocês não gostam da diferença? (questionou Naira Pataxó).

– Não sabem que esse produtivismo levou o Brasil a descer na qualidade da sua produção científica no mundo? E como podem reduzir a educação, uma prática social, tão somente a indicadores numéricos e padrões homogeneizantes, num país tão heterogêneo e iníquo como o nosso? (interferiu novamente Ângelo).

– Qual é o conceito de formação dos senhores? Pelo jeito está reduzido à quantidade de artigos e à quantidade do tempo de término de monografias, dissertações e teses. Ou vocês confundem controle pedagógico pela quantidade com qualidade? Isso é humilhante e vergonhoso numa faculdade apresentada aos indígenas do nosso Estado como inclusiva e de qualidade sociopedagógica. Qual é o sentido dessa inclusão? Ou confundem inclusão com a integração a uma cultura institucional padrão? (insistiu Naira Pataxó).

Convencida de que a criticidade deveria mover e mobilizar o sentido de universidade, *Flor* não sabia que estava produzindo de forma não intencional uma raiva dilacerante em alguns professores, que já preparavam a revanche na primeira oportunidade em que ela demonstrasse alguma fragilidade na sua itinerância e militância formativa ou dependesse de uma decisão administrativa deles.

A douta mesa responde perguntas técnicas e funcionais de professores e alunos e ignora as indagações de *Flor*, Ângelo e Naira Pataxó. Uma estratégia de desmobilização usual, mas também uma tática de guerra sorrateira. A decepção dos estudantes era profunda, quando perceberam que a maioria dos presentes estava interessada nas formas de terminar, em menor tempo seus créditos, suas pesquisas e estudos para se formarem no tempo prescrito pelo controle oficial.

– Essa forma adaptada e ordeira com que professores e estudantes estão aceitando isso é que me preocupa, meninos! (expressou-se *Flor* numa das reuniões do seu Diretório Acadêmico). – Existem interesses meramente corporativos e individuais

rolando por baixo desse angu indigesto. Vejo professores ditos progressistas aceitando essa imoralidade social e cultural ou mesmo submetendo-se a ela. Sei que existem interesses espúrios por trás disso. Vamos futucar isso! Verificamos que nossos professores que trabalham com pesquisas e com temas pró-diferença estão sendo alijados. Dessa forma, será previsível que temas e propostas de pesquisa com e sobre a diferença comecem a desaparecer. E o pior, alguém dirá: “É assim mesmo, os melhores ficarão!” É o retorno da retórica fascista do evolucionismo social. É isso! Esta porra tá voltando de novo, ou nunca se picou! E vejo nessa lógica uma certa contradição kafkaniana. Ou seja, nós e os professores de orientação emancipatória somos sempre vistos como os culpados, sem perdão. Os sistemas interpretativos das avaliações padronizadas e em larga escala pairam como uma máquina de fazer deuses sobre nós. É isso! E aqui, muito próximo de nós, temos seus sacerdotes confessos e inconfessos.

Naira Pataxó levantou a mão e argumentou:

– Vejam! O que deve nos orientar não é a ingenuidade de que um dia encontraremos um oásis infinito de múltiplas justiça sociais e educacionais. Esse é um trabalho cotidiano de quem acredita em revoluções no dia a dia, como pauta cotidiana, até porque nosso tempo histórico de vida e de ação poderá não corresponder aos tempos históricos das conquistas que imaginamos. Essa luta é pra sempre! Por isso, não devemos cair no cinismo social das negociatas e do oportunismo, como estamos vendo, neste momento em nosso país, nem na desmobilização.

Mas *Flor* vinha lendo também, e com muita curiosidade, que o currículo contemporâneo, na forma de conhecimento eleito como formativo, vivia o “outro lado da lua”, como falam por aqui os educadores das escolas comunitárias, ou seja, experimentam (in) tensamente um começo que aponta para vislumbres

copropositivos, coalizionais, pró-diversidade, pró-diferença com ampliados processos emancipacionistas. Nas experiências miúdas, nas brechas, nas frestas e fissuras, nas resistências afirmativas, nas transgressões, nas rasuras, nas rebeldias e traições cotidianas, nas opacidades, na clandestinidade, nas micro-ousadias, nas epifanias do dia a dia, nos avessos e em suas customizações, renovadas luzes formativas estavam se instituindo. Percebia, que nas plurais e não-normalizadas experiências formativas saberes se instituía como temporalidades outras, realizações outras. A diferença não pedia mais licença! Percebia, também, que o príncipe, ou seja, o conhecimento-eleito-como-formativo-para-o-outro-sem-o-outro, perplexo, provocado, sentia que suas vestes estavam sendo customizadas por rasuras e borrões cada vez mais amplos e profundos. Tinha notícia que, em algumas experiências formativas, ele já fora destituído e banido. Ficara nu.

– Muito complexo...como futura educadora preciso urgente saber o que é formação; porque alguns dizem dela de forma tão veemente e elucidada que chego a desconfiar dessa certeza! Outros escondem seus possíveis significados, gostam de brincar não mais de deus como ouvi falar sobre as certezas dos tecnicistas da educação, mas de esconde-esconde. (Sorriu ironicamente). – Esses, preferem ficar na janela para ver o conhecimento dito formativo passar. Ouvi falar também de um currículo *queer*, pensado a partir das experiências de vida dos homossexuais, entre outras diferenças culturais. Vixe! Complicado pra minha cabeça muito pedagógica. Vou ficar um pouco longe disso, pelo menos por agora, mas estou muito curiosa e vislumbro carne bem temperada debaixo desse angu.

– Acho que vou dizer essas coisas numa daquelas reuniões pomposas e hipócritas dos professores daqui. Principalmente para aqueles que fazem a política comum rolar dentro da universidade. Os que, cinicamente, mudam ao gosto dos ventos do poder

corporativista e se aproveitam deles. São os politicamente tinhos. Gosto tanto de assustá-los...Parece que eles perdem o rumo quando se assustam e são obrigados a viver a autenticidade das suas intenções; gosto de fazer isso, aparentemente comportada, fico rindo por dentro. Como ficam trêmulos, desengonçados, bufando e gagos, porque tocamos de frente nas hipocrisias dos discursos e nos aproximamos dos acordos sorrateiros que fazem. Em geral são intelectualmente medíocres, socialmente desimplicados. Ai, que bom! Ando pensando também que professor, em alguns cenários educacionais, é um ator muito arrogante. Como alguns deles sabem produzir um faz de conta...Mas, o que me incomoda e que já ouvir dizer, é que o ator verdadeiro apresenta-se e é avaliado pelo seu público; o professor faz suas atuações e é ele mesmo quem depois avalia seu público. Acho isso curioso...Que tipo de poder! Ah! Andei sonhando que estava fazendo isso numa aula. Vixe! Sai de banda, coisa ruim! Quero ser uma educadora outra.

– Mas me nutro dessas idas e voltas que, aliás, descobri ser o processo mesmo da aprendizagem formativa. Não quero ser apenas uma atendente de demandas dos meus professores, por mais que os admire quando lutam por uma educação densa, digna, mutualista e pró-diferença. Já sei que currículo tem a ver com os saberes e atividades eleitas como formativas, no momento eleitas predominantemente por uma elite intelectual, burocrática e identificada com uma certa cultura europocêntrica. Interessa-me muito discutir sobre quem elege, como elege, para quem elege, com que intenções elege esses saberes como formativos e o que é que esses conhecimentos fazem com as pessoas, até porque nunca foram neutros, desinteressados, muito pelo contrário. Isso ferve dentro de mim, tem a ver com minha própria história, não pode ser diferente. Vivo uma paz inquieta, pois já estou convencida de que a formação só se realiza através de experiências de aprendizagem significativas, ou seja, ao aprender eu compreendo ativamente, reflexivamente, com meus pontos de vista aquilo

que aprendo, do contrário não é formação. É isso...saquei! Toda formação implica em valoração da qualidade da aprendizagem. Não há formação sem valoração, formação é, fundamentalmente, aprendizagem significativa, moral e política, até porque, de alguma perspectiva, nem toda aprendizagem é boa! Tô totalmente engajada nisso, pois não me reconheço em muitas aprendizagens que sou obrigada a experimentar. Muitas vezes sou forçada a aprender aquilo em que não acredito. Provoco e enfrento esses significados impostos. Mas, às vezes, faço esse jogo muito mais como estratégia e tática institucional para, mais à frente, mais empoderada, desjogar esse jogo.

Flor se descobria em epifanias formativas fecundas. Sentia-se empoderando-se via sua inquieta, mas significativa e profunda, experiência formativa. Um outro pensamento apareceu junto a um sorriso intenso de felicidade:

– Estou me formando...é isso, meus orixás! (O corpo de *Flor* vibrou. Sorrindo discretamente para si própria, o olhar se perdeu entre as folhas das centenárias árvores do bosque localizado ao fundo da sua faculdade, onde passeavam cantando e vocalizando sabiás, cardeais e saguis à cata de frutas, sementes e afetos, onde também moravam, certamente, alguns orixás, com quem ela conversava em horas de alegria, aflição e serenidade, no exercício da sua transcendência religiosa).

É manhã e as águas de março chegam à cidade da Bahia. A faculdade estava fervilhando de atividades, as festas de largo fecharam seu ciclo com o carnaval. *Flor* estava engajada nas ações do Diretório Acadêmico; sua sensibilidade política a levou a entender que há formação importante na atividade político-universitária. Ademais, *Flor* não percebia o exercício político fora dos seus engajamentos históricos e dos projetos históricos que

nutria como estudante ativista. Seus lugares sociais lhe fizeram entender na carne e na alma essa condição. *Flor* engajara-se no movimento estudantil *Cabelação*, que eclodiu após atos de racismo de professores diante de estudantes negras que expressavam com realce seus *cabelos dreads*. Um estilo *rastafari* com longas e densas tranças. O movimento crescia em importância entre estudantes e professores vinculados à condição do negro na universidade.

Numa entrevista para a *radioweb* da sua faculdade, *Flor*, uma das líderes do movimento, argumentava:

– Por compreendermos que a universidade cumpre uma importante função social na sociedade, extrapolando o comprometimento com a formação de profissionais, na medida em que também contribui com a formação de sujeitos autônomos, comprometidos com pautas sociais, o *Cabelação* se torna um movimento de crítica às diversas faces do racismo institucional que insiste em negar o exercício livre e autônomo da diferença. Portanto, esse movimento se caracterizou como um espaço de autoafirmação das identidades que não estavam representadas no cenário acadêmico. O que se iniciou como uma revolta com as duas situações de racismo, culminou com um movimento de sentimento coletivo que demarcou lugar, trajetórias, identidades e projeções da garantia da diferença naquele espaço. Com mesas que debatiam temas ligados a racismo, diversidade, estética negra, o *Cabelação* foi além. Tivemos a grande participação dos tambores da Banda Didá que, naquele dia, mais pareciam gritos de liberdade. Além disso, tivemos oficinas de penteados, para reforçar a nossa autoestima, nossas raízes afrodescendentes, grafite como possibilidade de autoafirmação e letramento de resistência, bem como a polêmica “Boca de ferro”, um espaço em que estudantes, professores, funcionários no geral poderiam relatar suas indignações com o formato acadêmico, além de situações de racismo e negação da diferença naquele espaço. O que fica do

Cabelação é a sensação de justiça. A sensação de que é possível lutar para que sejamos reconhecidos nos ambientes que historicamente não foram construídos/pensados para nós. E quando me remeto ao pronome “nós”, estou falando de todos aqueles e aquelas que, em algum momento, se sentiram um “gaiato no navio”. A cultura universitária europocêntrica ainda é hegemônica. Há muito a se fazer, a se pensar, a se criticar, a se organizar e mudar. Mas o que fica são as possibilidades e as brechas que existem. Entendo que esses processos implicados de pertencimento e emancipação, como diz um dos nossos professores, são modos de criação de saberes e fontes fulcrais de formação, e é assim que eu também penso! É assim que estou me formando!

Essa experiência visceral será o tema da monografia de *Flor*, incentivada pelo seu orientador acadêmico. Ela desenvolverá, em sua monografia, tendo sua história de vida como fonte de reflexões, uma pesquisa autobiográfica sobre suas itinerâncias aprendentes como estudante. Um inquieto e profundo processo formativo neste exercício acadêmico.

Contudo, *Flor* estava marcada pela insatisfação de alguns professores e estudantes em face da sua contundência no enfrentamento dos corporativismos e discriminações da sua faculdade. Ser uma estudante militante, destemida e de uma família de trabalhadores pobres era uma oportunidade fecunda para que professores opressores percebessem ali uma fonte rica para que a diferença que incomoda, que fala de emancipação, que altera, fosse eliminada.

Flor lutava por uma bolsa para complementar sua renda e a comissão responsável pela liberação dessas bolsas estava julgando seu pedido. Era uma forma de sobrevivência e de continuidade dos seus estudos. *Flor* já temia revides, por parte de alguns membros da comissão, em face da forma como lutava por seus ideais. Lá estavam justamente professores que foram atingidos

pelos seus argumentos críticos. Ângelo era o representante dos alunos na comissão. *Flor* imaginava que ele defenderia sua demanda e necessidade, porque conhecia bem sua condição social e nutria identificações políticas com ela. Ao mesmo tempo, avaliava que Demétrio, o outro estudante presente na comissão, de forma oportunista, faria o jogo dos corporativistas da comissão. Na lista de bolsas de estudo estavam outros estudantes do Diretório Acadêmico.

Mauro, um dos professores atingidos duramente pelas críticas de *Flor*, Ângelo e Naira Pataxó, cochichava ao ouvido do colega mais próximo:

– Aqui estão, nessa lista, os marcados para morrer, colega. (sorriu cínica e sadicamente).

Os argumentos explícitos que iriam eliminar *Flor* da concessão da bolsa de estudo eram que ela tinha uma atividade remunerada ao ensinar numa escola pública do subúrbio ferroviário à noite, com contrato temporário. Em realidade, a vontade de exclusão estava ligada a outros desejos não explicitados. Durante a reunião, *Flor* argumentou que sua atividade docente num terceiro turno se justificava diante da necessidade de um complemento de renda sem vínculo empregatício, como muitos professores da escola básica faziam para sobreviver. O professor Mauro, que estava com o processo de *Flor*, interferiu de forma raivosa, como de costume:

– Você deveria procurar em que trabalhar, em vez de pedir bolsa para ficar aqui fazendo militância estudantil, forjando críticas veementes aos professores da sua faculdade. Se você é pobre, como diz, vá trabalhar, que é a obrigação do estudante pobre para se sustentar, em vez de se autodenominar defensora de estudantes pobres e negros e ficar aqui, cotidianamente, fazendo política.

Conhecemos há muito tempo seu estilo: estudante profissional para sempre!

Alguns membros da Comissão esboçaram leves sorrisos irônicos.

Flor interferiu de forma veemente:

– Sua concepção de estudante pobre é elitista, professor. Sua concepção de estudante politicamente engajada é fascista!

Mauro ficou pálido e sua raiva apareceu de forma mais evidente no tremor dos seus lábios e no modo como seus dentes ficaram à mostra. Era conhecido como uma pessoa raivosa, em que o sofrimento de quem discordava das suas práticas, para ele, significava o resultado esperado da sua capacidade e eficiência na gestão da educação. O controle era percebido por ele como a centralidade do ato educativo. Virou-se novamente para o colega e cochichou:

– Essa acaba de suicidar-se...Sorriu com desdém.

Demétrio, estudante membro da comissão de bolsas de estudo, recomendou a *Flor* que não se excedesse e ouvisse a decisão da comissão. Já sabia das estratégias de alguns professores da comissão para eliminá-la e fazia o jogo tácito da exclusão sumária como uma forma de levar vantagens concedidas por aqueles docentes.

Acostumada a lutar pela vida no limite, *Flor* não desistiu do enfrentamento. Por outro lado, angustiava-se porque Ângelo, que tinha direito a voto na comissão, não chegava. Recebeu uma mensagem dele pelo telefone celular:

– Estou no engarrafamento, minha *Flô*. Segura aí. Vou chegar!

Flor respondeu ofegante:

– Estou sendo trucidada, vou perder a bolsa. Corre! Chega logo, meu nego! Respondeu Ângelo: – A cidade está travada de engarrafamentos, neguinha! Tô passando pelo Campo Grande agora, tô chegando!

Após a discussão, a comissão foi orientada a votar para acolher ou não os pedidos de bolsa de estudos.

Flor estava trêmula e molhada de suor.

Ângelo conseguiu chegar à faculdade, subiu os lances da escada correndo, encontrou, no meio da sua correria Janus, o velho professor de Ciências da Educação, de caminhar mais lento, mas às pressas também. Janus viera para a mesma reunião da Comissão de Bolsas. Alisando a sua densa barba branca e com um leve sorriso indagou:

– O que foi, cara?! você parece aflito!

Já no andar da sala de reuniões da faculdade, Ângelo respondeu caminhando rápido e ofegante:

– Estão negando a bolsa para nossa *Flô*, professor! O engarrafamento dessa cidade quase me deixa fora da reunião.

Na sua forma sempre serena de falar, Janus alisou novamente sua densa barba branca, sorriu e disse:

– Meu caro, o acaso já nos protegeu até aqui, isso já sinaliza alguma coisa. Eu não viria a esta reunião e estamos chegando juntos, vamos lá tentar reverter isso. Essa menina é uma fonte de renovação para nossa carcomida universidade!

Entraram na sala onde a comissão estava reunida. Ao vê-los, *Flor* sorriu discretamente e, de forma irônica, ao perceber os dois, principalmente o professor de Ciências da Educação, falou para si própria:

– Acho que estou salva, meus orixás. Ufa!

Ângelo e Janus sentaram-se. *Flor* se aproximou, sentou próximo dos dois e relatou rapidamente o conteúdo das discussões. Os membros da comissão sentiam que algo iria se alterar naquele cenário de decisões sobre a vida dos estudantes. Janus pediu desculpas pelo atraso. Com sua serena e densa sabedoria, pediu a palavra, que lhe foi concedida sem contestação:

– Já estou sabendo da possibilidade da estudante *Flor* dos Santos não ser contemplada com uma bolsa de estudos da nossa instituição. Conheço de perto essa menina e suas atividades aqui, sua competência como estudante, suas origens, sua condição social e sua militância, até porque acho que conviver com os estudantes é o que me mantém vivo até hoje, e gostando do que faço. Permitam-me uma licença poética: penso sempre que, no dia que eu tiver de deixar esse convívio, morrerei muito mais rápido. Por isso, falo muito com os alunos e falo muito em favor deles. Percebo também que toda vez que tentamos falar por eles corremos um grande perigo de falar contra eles. Vejo que muitos de nós, professores, têm medo da crítica. Se a universidade não for crítica colegas, ela será o quê? Será qualquer coisa, menos universidade. É preciso saber que a crítica como diferença em ato, nas universidades contemporâneas, não pede mais licença a autoridades. Ela entra, senta, fala e faz história! Isso é universidade vicejante, inquieta, criativa, cultural e histórica. Juvenil mesmo! Isso é pluriversidade. É preciso que saibamos que o conflito é fundamental, mas para que o outro tenha voz e vez; do contrário, teremos um

cenário de exclusão numa universidade pública, em face dessa racionalidade lógica que atinge as universidades modernas, o que é injustificável. Prefiro a inquietação vicejante da juventude ao sedentarismo do pensamento conservador da maioria de nós professores. Nesse caso, sou mais simpático ao nômade que, mesmo sendo olhado como um “ladrão de galinhas”, tem nos seus deslocamentos aprendentes um modo de vida.

O professor Mauro argumentou com tom grave e agressivo:

– Mas o que vale aqui colega, são os indicadores e critérios já fixados no sistema da nossa faculdade!

Janus alisou a barba de novo e retrucou imediata e serenamente:

– Indicadores e critérios, colega Mauro, não podem dispensar narrativas daqueles que observam o cotidiano das ações de uma estudante digna e engajada nos ideários fundantes da universidade pública. Colegas, observar e viver o cotidiano é crucial para o meu rigor universitário. Ademais, eu exijo que o meu depoimento, o depoimento de um professor quase septuagenário, que respira essa faculdade e que conhece a história de vida desta estudante, conste na ata e seja uma pauta que esteja na sua avaliação para concessão da bolsa de estudo. Quero dizer também que o discurso do fatalismo tecnológico é uma farsa que não se sustenta. Os sistemas computacionais são feitos e desfeitos por homens e mulheres. Em realidade, deixe-me ser mais franco ainda. O discurso culpabilizador direcionado para esses sistemas fala de um poder tecnológico que não existe fora do cotidiano das ações humana. E o pior, esconde os poderes que não querem expor suas verdades sistematizadas. Sistemas não anulam ideologias, colegas, e nem deverão anular reflexões sobre suas formas es-

truturantes e propositivas! Neles habitam sensibilidades, atitudes morais e políticas, portanto, intenções, ambivalências, paradoxos, contradições, para o bem e para o mal. Sistemas são realizações humanas eivadas de sentidos, significados e intenções. Em suma, nos sistemas habitam nossas políticas de sentido e cosmovisões, visões de sociedade, de educação, de professores e de estudantes. Nesses termos, não interessa ao educador pensar em sistemas tecnológicos que não tragam em si dispositivos de valoração do que é formativo e de sua qualificação. Sistemas são prolongamentos da nossa capacidade de interferir nas realidades. Portanto, sistemas são resultantes de atos políticos, nestes termos, devem ser circunstancializados.

Todos, atentamente, ouviram o velho professor, apenas o professor Mauro ficou de cabeça baixa e com o olhar fixo nas suas anotações. Sua postura era de decepção e profunda raiva diante da alteração causada pelos argumentos de Janus, que acabara de chegar de forma um tanto quanto intempestiva. Neste momento, Mauro já imaginava a possibilidade de *Flor* ser contemplada com uma bolsa de estudos universitários.

Enquanto a Comissão avaliava seus argumentos, Janus saiu para fumar mais um cigarro contemplando o bosque da sua faculdade. Sabia do peso da sua força mobilizadora de múltiplas justiças. Para os estudantes e alguns colegas, era uma espécie de fonte de sapiência universitária daquela comunidade acadêmica.

Logo depois, Ângelo começou a falar, munido das artimanhas de estudante militante experiente e das manhas que a capoeiragem angoleira lhe ensinara no dia a dia das experiências das rodas de capoeira:

– Como estudante, concordo com a fala do professor Janus. Quero acrescentar, por outro lado, que acabo de receber uma resolução do órgão que concede bolsas para estudantes no nosso país,

informando que atividades de ensino não impedem que bolsas sejam concedidas. Está aqui a resolução que estou passando para a comissão. É bom saber que não dá para se viver apenas com uma bolsa, levando em conta a nossa realidade, de estudantes pobres, e que a atividade de ensino em um turno oposto ao funcionamento da nossa faculdade nos ajuda a compreender e manejar melhor a complexidade de uma sala de aula, bem como a adquirir livros, entre outros materiais necessários para nossa formação.

A comissão colocou as decisões em votação e acabou por conceder a bolsa universitária a *Flor*. Ela abraçou Ângelo e beijou seus lábios, em meio aos olhares um tanto quanto perplexos da douta comissão. Dirigiui-se para Janus, abriu seu sorriso iluminado e o abraçou com muito afeto. Olhou nos seus olhos e beijou-o na testa, dizendo: – Axé para você, meu mestre, lhe dou nota dez! Os dois sorriram longamente.

O professor Mauro se levantou, deixou suas anotações com outro colega da comissão, virou as costas aos colegas e estudantes presentes e se retirou da reunião pela porta mais próxima. Antes de fechar a porta violentamente, olhou para trás, mirou o rosto de *Flor* e falou em tom ameaçador: – Vou tomar mais informações sobre sua vida para anular essa decisão.

Ao lado dos colegas, ao sair extenuada do enfrentamento da reunião, mas feliz, *Flor* comentou com seu sorriso irônico, torcendo o canto da boca:

– Meninos e meninas, é duro, mas como a atividade política na universidade pública é formativa! Como se assimila, de forma densa, o que é uma aprendizagem institucional muito complexa. Isso não se aprende em sala de aula! É um laboratório de aprendizagens (in)tensas e muito ricas, a gente vê, de forma concreta, como se dá a aprendizagem política e, também, o político das organizações de aprendizagem. Todo professor em formação deveria experimentar isso...

Respondeu Ângelo:

– É, minha *Flô*, mas só pra quem tem oh! (Fez o sinal de uma rodinha com os dedos indicador e polegar e sorriu com sarcasmo). – Acho que vou escrever minha monografia sobre isso. É minha profunda experiência, sem deixar de lado a minha condição de professor negro. Talvez, com esse título: *A atividade político-universitária como formação: experiências de um futuro professor negro*. (Piscou um olho como gesto afirmativo).

A ironia afirmativa era uma das máquinas de guerra daquele grupo de estudantes.

Era noitinha. Como de hábito, na cidade da Bahia, os estudantes saíram juntos para comer um acarajé no tabuleiro da baiana mais próxima e comentar sobre a reunião. Mais tarde foram ao cinema da universidade assistir ao filme *Selma*, uma das mais importantes sagas do movimento negro nos Estados Unidos, tema de um trabalho acadêmico orientado pelo jovem professor de Filosofia Africana.

Após a sessão, *Flor* acompanhou Naira Pataxó até a residência dos estudantes. No caminho, resolveram ir para a Ribeira assistir uma roda de capoeira e a uma apresentação de Samba Chula com um grupo de colegas que veio de Santo Amaro da Purificação. Resolveram também tomar o sorvete mais famoso da Cidade Baixa. Encontraram colegas que já estavam degustando sorvetes de coco verde recheado com pedacinhos de coco seco. Se deliciando com a tradicional iguaria do bairro da Ribeira, conversaram e riram olhando, do outro lado da cidade, o salpicar de luzes que reluziam na Baía de Todos os Santos.

Naira Pataxó, com sua fala suave, puxou conversa com *Flor* sobre sua condição socioeducacional e a dos indígenas do Brasil.

– É, *Flô*, talvez se nossos povos tivessem o saque de se aliarem em prol das nossas lutas comuns se, nós, há séculos, já estivéssemos

fazendo a revolução cotidiana que estamos fazendo, sem termos as nossas culturas tão vilipendiadas. Olhando o que já conquistamos prá nós, imagine quantas conquistas fariamos juntos. Mas nossas tradições, nas suas diferenças, não aprenderam a se agrupar. Tantas lutas em comum, não é? E mais, o povo da universidade aprendeu a fazer pior. Na pretensão de falar por nós, de acordo com seus interesses corporativos e ideológicos, acabam falando contra nós. Engraçado como chegam a se autorizar a tomar nossas vozes. Chegam a confundir nossas experiência culturais e históricas com seus discursos e conceitos acadêmicos. Temos mais é que ampliar o significado do que estamos chamando de uma abordagem interseccional das políticas afirmativas. Ou seja, nosso verão não pode ser feito apenas de andorinhas...

Sorriu discretamente.

Flor interferiu:

– Fico retada com essa coisa de alguém querer falar por nós! Eles se aproveitam das nossas necessidades e lutas para capitalizar títulos e reconhecimentos com retornos financeiros e glória acadêmica. É o lado hipócrita e parasita da universidade. É o seu lado podre. É de onde surgem os fazedores de política comum na universidade pública. Poucos são, de fato, os implicados com nossas causas, poucos mesmo. Temos que ficar de olho, bater muito tambor, fazer Toré e ficar ao lado daqueles que realmente se implicam com nossas lutas.

Sorrindo, se despedem com um longo abraço. Logo após seguiram para suas casas.

Meses depois, a faculdade amanheceu triste; professores, estudantes e funcionários caminhavam em direção à Reitoria da Universidade. Foram velar o professor Janus. Após comemorar com seus alunos um final de semestre, bebendo caipirinha e comendo

acarajés na Praça de Santana, no Rio Vermelho, dormiu e amanheceu morto no seu leito. Seu coração parou. Soube-se que ele tivera notícia, naquele dia, que seu tempo de aposentadoria estava se aproximando e que teria que começar a tomar as providências necessárias para se afastar definitivamente da universidade, em realidade, para ele, se afastar do convívio cotidiano dos seus alunos. *Flor* entrou no recinto para o último adeus ao mestre-amigo, vestida como a tradição do povo do candomblé esperava. Logo após, chegou Naira Pataxó, trazendo na cabeça um belo cocar de penas da tradição dos Pataxós Hã, Hã, Hãe. Abraçadas, se aproximaram do caro professor, agora inerte. Em voz baixa, sussurraram:

– Nossa gratidão e dos nossos povos, mestre...

Num canto do grande salão universitário, solitário, Ângelo, ainda vestido com a indumentária da roda de capoeiragem do Mercado Modelo, de onde viera direto para o último adeus ao seu estimado professor, tinha nos olhos cheios de lágrimas a tristeza da irreparável perda. Pensava de forma radical: – Um verdadeiro professor deveria ser eterno...

Se aproximou vagarosa e respeitosamente, olhou para o rosto sereno do seu professor e cantou com voz embargada um pedaço do canto da capoeira angoleira que mais gostava: – *Ê... camará...*



III

EXPERIÊNCIA CULTURAL E(M) FORMAÇÃO





Reunida com sua pequena família e amigos, num domingo de sol no quintal cheio de mangueiras frondosas da sua casa, no alto de Amaralina, *Flor* comemorava seu aniversário. Linda, com vinte e dois viçosos anos, sedutora, *Flor* estava muito feliz. Vez por outra ensaiava dançar um samba de roda cantado por Mário e seu criativo e inquieto cavaquinho. Pequenos goles de cravinho realçava a alegria de mais um ano de vida junto à sua família e aos amigos do bairro. *Flor* cantava em meio às vozes dos amigos que ajudavam a ritmar o samba, no qual um timbau de sonoridade visceral segurava o fluxo da música: *Toda cidade aqui é d'Oxum...* Música frequentemente assoviada pelo seu espirituoso amor.

Já eram duas horas da tarde quando Dona Avelina bradou:

– Para o samba, minha gente! O caruru já está pronto!

Dona Avelina abriu a porta da cozinha, que ficava próxima do quintal. O cheiro de dendê temperado que emanava de lá fez o samba ficar atravessado pelo excesso de saliva na boca dos convidados.

– Vixe! Não tem samba que resista! (gritou Tonhão, o timbaleiro da turma).

– É o jeito parar!

– Carminha, Zita, Lua, chegaram para ajudar a forrar a mesa, arrumar os pratos e os talheres!

Numa panela de barro chegou primeiro a moqueca de arara fervendo, numa mistura de cheiro e cores em que predominavam o amarelo avermelhado do azeite de dendê, as rodela de tomates maduros e cebolas brancas, bem como o pimentão verde e as folhinhas de coentro por cima. Mas eram os avermelhados e grandes camarões pistola que recheavam a moqueca que faziam os olhos dos participantes se abrirem, suas bochechas se apertarem e as bocas encherem de saliva. A moqueca chegou ainda borbulhando, o cheiro era estonteante, às duas e meia da tarde, o samba deu lugar à sedução da comida da alegre família feminina de *Flor*. Só Zé do berimbau arriscava um canto baixinho acompanhado por seu inseparável instrumento:

O sorvete e a rosa, (ô, José)¹

A rosa e o sorvete, (ô, José)

Foi dançando no peito (ô, José)

Do José brincalhão (ô, José)

[...] Oi, girando na mente (ô, José)

Do José brincalhão (ô, José)

Juliana girando (oi, girando) [...]

– Oxente meu irmão! Vamos parar esse berimbau de vez, essa moqueca aí deve tá retada! (Ordenou *Flor*).

1 Trecho da música *Domingo no Parque* de Gilberto Gil.

Jaime, o vizinho convidado para o samba, gritou:

– Porra! Vou tomar mais um cravinho prá me preparar para essa batalha que só tá começando!

Todos riram.

Jaime lambeu os lábios vários vezes e esfregou as mãos expressando sua gulosa expectativa. Numa virada do seu olhar, percebeu que chegava à mesa o vatapá, o caruru, as frigideiras de siri catado e a farofa de dendê. A mesa estava repleta e todos se aproximaram ao mesmo tempo, uma sedução irresistível diante de temperos e formas que atraíam de maneira arrebatadora olhos e retorciam estômagos ávidos por aquelas iguarias de forte tradição afrobaiana.

Flor se ausentou de repente da conversa com os convidados e voltou com um sorriso largo:

– Que minha mãe me perdoe minha gente, mas aqui está, neste tacho de barro o presente mais sedutor desse momento para meus amigos: minha moqueca de siri mole! Pensei em vocês ao fazê-la e ficou mais gostosa ainda! Fui comprar os siris fresquinhos em Areembepe. Sintam o cheiro!

Mais atrevido, Tonhão se aproximou e *Flor* permitiu que ele degustasse um succulento siri mole. Ao comer a rara iguaria, Tonhão gemeu e virou os olhos de prazer. O denso caldo feito de flor de dendê, leite de coco, tomates maduros, cebola, coentro, pimentão verde e pimenta de cheiro, escorria pelos dois cantos da sua boca. Tonhão lambeu os lábios com um sorriso largo...

Maria, uma convidada portuguesa que *Flor* conhecera na faculdade, estava mais contida experimentando a moqueca de arraia, enquanto o restante dos comensais preferia fazer pratos repletos de moqueca de arraia e siri mole, vatapá, caruru, farofa de dendê, de-

pois de terem beliscado pequenos e crocantes acarajés, bem como macios abarás que preparavam a chegada dos gemidos dos atos de deliciar a comida de santo principal. Mas *Flor* percebeu imediatamente que Maria estava com os olhos molhados de lágrimas. Se apressou imaginando o possível efeito do molho de pimenta que estava no centro da mesa, num cheiro inconfundível da malagueta, muito coentro cortado, tomates e pimentões picados num caldo de dendê com bem limão. *Flor* correu na direção de Maria.

– Que foi, filha de Deus, comeu pimenta?! Venha cá para tomar uma água de coco bem gelada!

Timidamente, Maria balançou a cabeça em negação e falou sussurrando ao ouvido de *Flor* que a abraçara.

– *Flor*, querida, pela primeira vez eu senti o que na minha adolescência li e imaginei, quando Jorge Amado descreveu, num dos seus romances, uma moqueca de peixe baiana. Na descrição de Jorge fiquei apaixonada pelo prato descrito. Aqui, lembranças e sabores me fizeram chorar de prazer, porque o sabor está eivado de cultura viva. Isso, pra mim, é muito singular e tocante. É profunda formação cultural!

Com um sorriso, *Flor* abraçou Maria:

– Vá saboreando nossa cultura, amor! Viu? É diferente de apenas ler e ouvir falar.

Maria era uma estudante de Antropologia e Literatura da Universidade de Lisboa, com uma bolsa de estudos de intercâmbio na Universidade Federal da Bahia.

Todos conversavam e comiam ao mesmo tempo. O samba cedeu lugar ao prazer da gula. O sol de verão da Bahia foi se pondo

na linha verde do mar, e os corpos, após experimentarem a sedução culinária da mãe de *Flor*, foram se encostando. Alguns foram se despedindo com alegria agradecida à família de *Flor* e aos companheiros do samba de roda. Na despedida, receberam cocadas de coco queimado para comerem a caminho das suas casas. Alguns pegaram mais de uma cocada para levar de presente para amigos e familiares.

Experiências histórica, cultural, política e religiosa, moviam e aguçavam como um *arkhé* a formação de *Flor*, quando se implicava nos seus processos cotidianos de aprendizagem. Parte da comida servida era uma obrigação cumprida por *Flor* para os ori-xás da família, por lhe proporcionarem força para lutar por uma bolsa de estudos na universidade. Para *Flor*, naquele momento, no princípio não fora o verbo, mas a vivência do sabor que inibiu o verbo e produziu no corpo densa experiência formativa.

Na saída, com o peito nu e suado do samba, seu amor Ângelo cochichou ao seu ouvido.

– A noite será só nossa.

Flor riu de felicidade e o beliscou de leve, uma forma de manifestar seu desejo recalcado durante a festa, onde Ângelo, liberado pelas doses de cravinho, sem camisa, sambava exibindo seu corpo negro, de músculos definidos, brilhando de suor diante dos olhares desejosos das mulheres do lugar. Se despediram. Com voz bem mole e grave, *Flor* falou baixinho: – Venha me buscar às oito meu nego! Expressou seu sorriso sedutor.

Foi com esse filtro cultural que *Flor* foi constituindo sua formação em meio à cultura que cultivava com densidade e fê. Não raro murmurava, ao analisar os descontextualizados conhecimentos do seu curso: – Que banquete indigesto, ufa! Até quando? Com essa expressão vinha um sopro profundo de insatisfação que canalizava sua catarse diante de saberes educacionais nos quais dificilmente se reconhecia.

Numa das suas várias visitas à biblioteca, diante da sua voracidade de leitura, *Flor*, pela primeira vez, se viu diante de algo que lhe chamara a atenção quanto à aproximação entre educação e experiência cultural. Se encontrou com a obra de Dewey, “*Experiência e Educação*”. Examinou detalhadamente o teor dos argumentos e uma revelação se apresentou como uma verdadeira epifania.

– É disso que também preciso para pensar minha condição, a minha experiência de vida, que nunca esteve fora da minha formação.

Estava com sua cota de empréstimo no limite e sem dinheiro para comprar livros. Numa ambivalente angústia que a fez tremer, enfiou o livro na sacola e repetiu várias vezes:

– Me perdoem! Me perdoem, meu colegas, só por uns dias, só por uns dias, não posso comprá-lo, só por uns dias, tem mais nas estantes. Esse autoconvencimento a deixou mais calma, mas não menos culpada. (Seu espírito público lhe condenava):

– Sei o que esse capitalismo selvagem em que vivemos faz com os pobres, principalmente com a maioria das mulheres trabalhadoras e negras dessa minha cidade, desse meu país. Quero retribuir com minha luta esse ato insano!

Vacilou um pouco. Refletiu sobre as informações que absorvera numa disciplina de Sociologia da Educação, em que Dewey é descrito como um pragmático iluminista, que pensava, da perspectiva adaptacionista, o que seria uma democracia e suas influências na educação. *Flor* não gostava dessa perspectiva, mas ao mesmo momento refletiu:

– Se estudante sou, se quero criticar, tenho que conhecer “o outro lado da lua”.

Lembrou-se de alguns ensinamentos que sua condição de quilombola lhe fez aprender, ou seja, era preciso conhecer bem para saber escolher, pois debaixo do angu pode ter muita carne. Entretanto, também rememora algo que um professor de Metodologia da Pesquisa repetia como um mantra: “Saber bem para escolher bem, pois método é, acima de tudo, opção na *polis*. É, de partida, exercício político”. Saiu da biblioteca com o livro na sacola colada ao peito, gesto de acolhimento feminino na relação afetiva com o saber. Sua alma inquieta e sedenta de compreensões formativas também era desejo.

Levou a obra de Dewey e, já no caminho de casa, sentada num ônibus urbano, deu umas lidas rápidas que lhe aguçaram mais ainda a curiosidade, quando se deparou com a frase: “Nem toda experiência é formativa”. *Flor* não viu que, ao lado, num outro acento do ônibus do seu bairro, estava Ângelo, seu negro amor, que ironicamente lhe interpelou:

– Tá lendo esse americano iluminista, né?! – *Flor* abriu seu sorriso largo e respondeu em tom bem pausado, como em geral se fala por aqui:

– Acho que tem muita carne debaixo desse angu, meu nego! Meu rei, você conhece o outro lado da lua? Até hoje muita gente sabida quer conhecer, será por quê? Ângelo riu, acenou com um adeus, tocou seus lábios com um beijo rápido e saltou do ônibus.

Já fora do ônibus, gritou:

– Tenho que trabalhar amanhã cedo e depois ir pra faculdade. Oh! Não esqueça de comprar os ingressos do show dos Ticoãs para sexta próxima; soube que tá lindo!

– Depois vamos comer uma casquinha de siri no Mercado do Peixe, lá no Rio Vermelho! (Respondeu *Flor*). Ângelo fez sinal de positivo e sorriu.

Flor seguiu entretecendo sua leitura com o prazer de olhar pela janela do ônibus os recortes e ondulações das praias de Ondina, Rio Vermelho e Amaralina, bem como os cheiros da maré e da fritura do acarajé no dendê que, à tardinha, invade diversos cantos dos bairros populares da cidade. A brisa refrescante do mar da Bahia tocava o seu belo rosto contemplativo. *Flor* morava no Nordeste de Amaralina. Neste bairro residem muitos negros, muitos trabalhadores, em meio a uma extrema e conhecida violência urbana, onde as escolas públicas vivem problemas infundáveis de gestão e qualidade. No caminho de casa, a beleza de *Flor* chamava a atenção de alguns rapazes que cantavam um samba de roda na esquina. Disseram pequenas frases de elogios picantes. Mas ela passou bela e altaneira. Estava protegida pelo sentimento comunitário que acolhia quem era do lugar, bem como pela admiração cultivada por quem conhecia a caprichosa, bela e inteligente estudante.

À noite, descansando da longa jornada de trabalho como professora substituta de uma escola pública, foi se servir do jantar esperado durante todo dia, feito com carinhoso cuidado por sua mãe. Era um saboroso xinxim de galinha. Então retomou mais relaxada suas leituras, olhando da sua humilde mesa de estudos, próxima à janela, o negro mar enfeitado por três raios de um luar que deitava-se suavemente na sua superfície, em leves movimentos ondulados, provocando uma breve sonolência que a conduziu a um relaxamento profundo.

Flor morava numa casa com avermelhados tijolos aparentes, como é comum nos bairros pobres da cidade. Já não tinha mais pai, ele morrera trabalhando como pedreiro num acidente de construção logo que a família mudou para Salvador para apoiá-la nos estudos. Sua ambiência familiar resumia-se a ela, sua mãe e sua irmã mais jovem. Era, acima de tudo, um lugar de organização e decisões femininas, mulheres fortes, marcadas pela dureza das privações de uma família de trabalhadores e pela luta

cotidiana das mulheres do lugar para se afirmarem como cidadãs diante de uma não rara violência opressora dos homens e de uma sociedade marcada por hipócritas discriminações étnico-raciais.

Ao retomar a leitura do filósofo Dewey, *Flor* foi percorrendo suas ideias, filtrando-as a partir de sua condição e suas convicções em reflexões formativas, numa intensa articulação com a obra crítica do marxismo cultural de Paulo Freire e dos intelectuais negros e implicados à condição dos negros do Brasil, como Kabengele Munanga, Valter Silvério, Petronília Silva, Vanda Machado, Claudio Orlando do Nascimento, Rita de Cássia Pereira de Jesus, Eduardo Oliveira, Narcimária Luz, Ana Célia da Silva, Stella Guedes Caputo, entre outros.

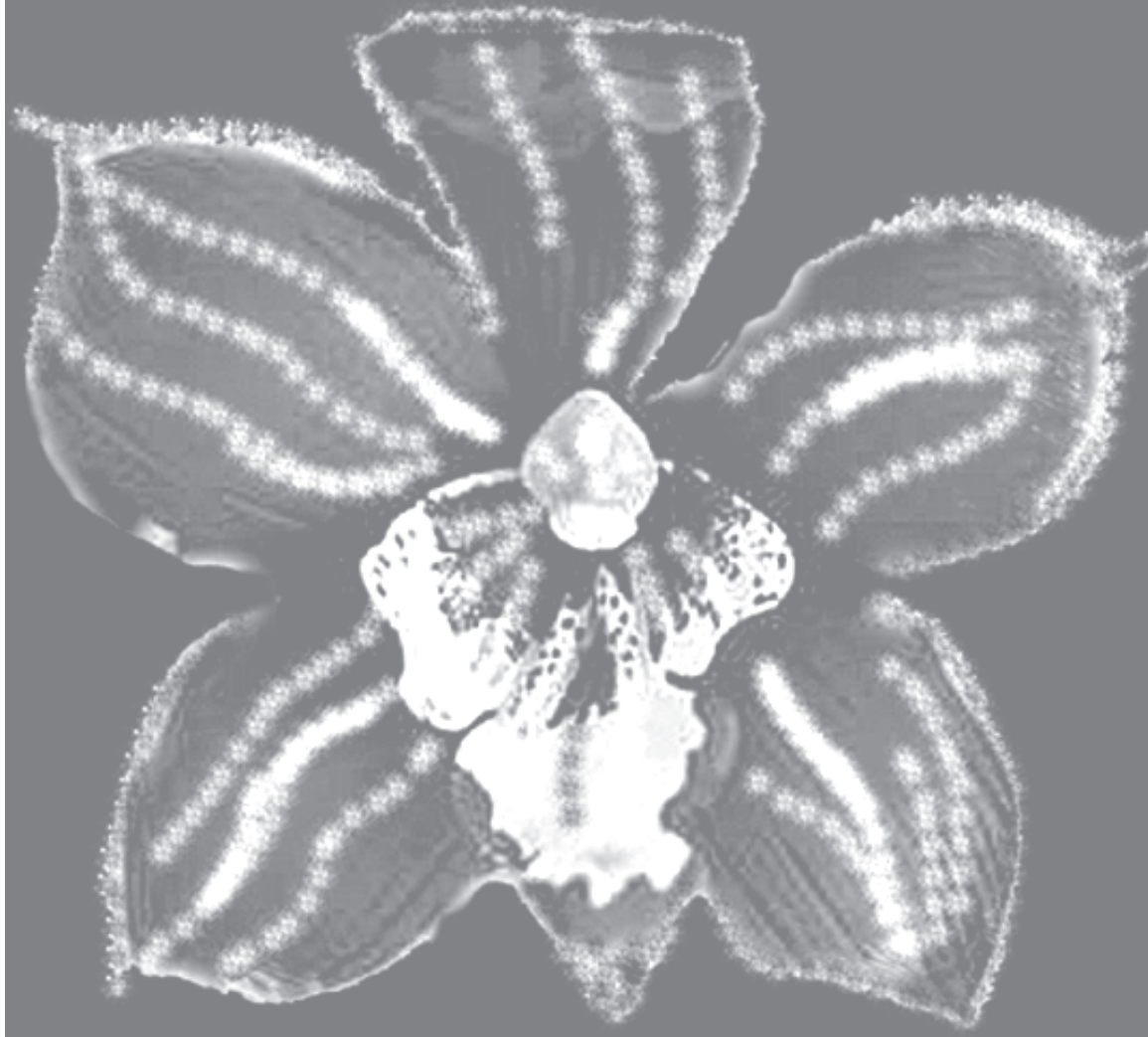
De início, foi pinçando argumentos onde seus interesses estavam ancorados. Dewey lhe falava diretamente, quando exortava os sistemas educacionais a serem estruturados, levando-se em consideração todas as fontes da experiência, mas o olhar de *Flor* se detinha em algo vital para seus interesses existenciais. Dewey lhe perguntava: “Como poderá o jovem se tornar conhecedor do passado, de forma que tal conhecimento seja um agente poderoso na avaliação da vida atual? *Flor* suspirou e refletiu: – Bem que eu disse ao meu negro amor que debaixo desse angu tinha carne. Seus olhos fixaram-se, ainda mais de perto na página, ao destacar mais uma afirmação impactante para ela: “A crença de que toda educação verdadeira é fruto da experiência não significa que todas as experiências são igualmente educativas. Experiência e educação não são diretamente equivalentes uma à outra. Algumas experiências são deseducativas”. Um longo espaço reflexivo tomou a leitura, como se uma história inteira da condição de mulher negra e pobre ali se plasmasse.

Ao lado estavam as obras *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Autonomia* e *Pedagogia da Esperança*, de Paulo Freire. *Flor* olhou a foto do barbudo educador nordestino e brincou:

– Não se zangue, meu mestre. Estamos dialogando criticamente. Um dia vou aproximá-los. Marxismo e experiência cultural em favor da emancipação dos negros, negras e trabalhadores dessa cidade, desse estado, desse país. Por que não?! Mas sei das suas diferenças! Não vou misturar lé com cré! (Esboçou seu sorriso irônico).

O olhar fixou-se na escuridão de um mar de suaves movimentos. Nasceram reflexões emancipacionistas num silêncio profundo. *Flor* não aguentou a fadiga e dormiu pesadamente sentada com o rosto amparado pelo livro.

Era manhã. Os primeiros clarões apareciam no horizonte. Um sabiá solitário cantava num abacateiro que se espalhava próximo da janela. O mar aparecia em brilhos em frente aos olhos de *Flor*. Como em comunidades populares, mesmo em grandes cidades, um galo da vizinhança cantava a aurora, outro respondia mais alto ainda. *Flor* levantou-se e pensou na sua lida do dia a dia. O cheiro de mingau de tapioca, de aipim cozido e de um suculento mungunzá feito com milho branco e com muito leite de coco penetraram no seu quarto. Levantou, olhou a mesinha da cozinha, comeu um pouco de doce de manga que uma colega amiga mandou de Rio de Contas, e viu seu café da manhã arrumado e protegido por um pequeno pano de prato branco da cozinha de sua mãe, que saíra para trabalhar como diarista doméstica às cinco horas da manhã.



IV
FORMAÇÃO NA DOR
E NA ALEGRIA





Flor vivia uma atordoante e sofrida tensão toda vez que acordava e refletia sobre sua condição. A condição de ser negra e mulher, numa sociedade que secularmente colocou o negro num lugar de menor valor, que trata a pobreza com certa indiferença e olha para a mulher como um ser menos competente e eivado de uma fragilidade que a incapacita diante do impositivo vigor masculino. É um pensar recorrente que lhe inquietava quando refletia como seria seu dia, a ponto de lhe afligir e entristecer. Mas, vivia também o seu lado de mulher que aprendeu a ser guerreira. Pensava sempre:

– Mesmo que eu não veja nossa emancipação conquistada como eu gostaria, quero ser parte dessa história. Existe uma beleza negra em mim, sou parte de um projeto humano belo e o serei sempre! Serei uma negra letrada, farei e contarei, aos meus irmãos de cor e para o mundo, uma história de emancipação. *Eparrei Iansã!* Sou a *Orquídea Negra*, uma orquídea emanando um perfume fecundo.

Flor lera, com profunda mobilização, o trecho de uma publicação do professor Ubiratan de Castro Araújo, inspirado em Amílcar Cabral:

“Volta-me à cabeça novamente o desafio de Amílcar Cabral. Emerge uma convicção desafiante: cada negro letrado no Brasil tem a obrigação de sistematizar as suas próprias lembranças. É assim que a experiência de cada um é um trecho da realidade vivida, de muita valia para nós mesmos e para os outros...”

Lera também George Larossa Bondia:

“Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto às experiências da transformação. [...] A experiência e o saber que dela derivam são o que nos permite apropriar-nos da nossa vida.”

Sabendo que Iansã é guerreira mulher, saltava da cama todos os dias e caía num banho frio. Uma vez por semana, toda sexta-feira, tomava o banho feito de folhas de arruda, aroeira e manjericão. Vestia-se de branco e saía como se fosse para uma batalha mas, paradoxalmente, ao colocar sempre o pé direito à frente, ao dar o primeiro passo após o limite da porta, era o sorriso largo, com uma pitada de ironia, afirmativo da sua beleza negra, da sua beleza sedutora, a sua arma de guerra preferida. Bradava o grito característico de Iansã para dentro, para não acordar sua mãe e sua irmã. Saltava da cama rompendo com a aurora as amarras da dor histórica que via se atualizar no dia a dia de sua vida. Dessa vez, o grito tinha que ser mais forte e visceral; o tórax de *Flor* vibrava e doía ao mesmo tempo.

Flor lera, na noite anterior, parte da obra *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*, organizada pelos pesquisadores da condição do negro no Brasil, Valter Silvério e Petronilha Silva¹. Essa obra lhe apresentou um conjunto de informações que lhe permitiram construir certa

1 SILVÉRIO, W.; SILVA, PETRONILHA. (Orgs.) *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. Brasília: INEP/MEC, 2003.

compreensão da reprodução perversa que espera a maioria dos negros do Brasil, ao tentar construir sua inserção social e educacional a partir da relação que estabelece com as instituições.

Citando a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), a obra referida mostra que o rendimento médio dos negros é inferior à metade do que recebem os brancos; as mulheres negras recebem R\$ 296/mês, cerca de um terço do que ganha, em média, um homem branco. Do total de rendimentos auferidos pelas pessoas com algum rendimento, os brancos (53% da população) ficam com 71%, enquanto aos pardos (39% da população) restam 23% e aos negros (6% da população) cabem 4% de um bolo que, por si só, já é insignificante. Os índices só crescem quando se analisa os indicadores de analfabetismo. O estudo constata que a taxa entre a população negra de 15 anos ou mais é de 18,7%, contra 7,7% entre os brancos. No que se refere ao analfabetismo funcional, condição em que estão incluídos todos aqueles que não possuem, ao menos, as quatro primeiras séries do ensino fundamental, evidencia ainda uma taxa de 36% na população negra, contra 20% na população branca, demonstrando que a obrigatoriedade constitucional de uma escola de ensino fundamental de oito anos, para todos os brasileiros, ainda é um sonho distante para brancos e negros, principalmente para estes últimos. Quanto à questão do acesso à escolarização, na faixa etária de 5 a 19 anos, encontra-se um dado positivo, mas que, na mesma medida, apresenta contradições ligadas a como a sociedade brasileira discriminou, de várias maneiras, os negros e suas famílias. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que, para os brancos, tem-se uma média de sete séries concluídas, enquanto a população negra conclui apenas cinco séries, em média. Isto mostra uma clara dinâmica social iníqua.

Este conjunto de informações deixa evidente uma situação em que, além da discriminação reprodutiva dos pobres, há um caminho histórico que é o “branqueamento” ao longo do processo

institucional de escolarização. Um potente filtro racial ainda está em funcionamento, de mãos dadas com o filtro econômico. Há um impedimento funcionando em duas frentes que também se realimentam: a incapacidade das políticas públicas de efetivarem suas diretrizes de possibilidades emancipacionistas e a cultura das práticas institucionais em educação, que não efetivam mudanças substanciais nos seus dispositivos discriminantes, muitas vezes sutis, naturalizados, inconscientes, mascarados, ou simplesmente fazendo parte de uma ignorância social secularizada por formações curriculares afeitas a informar apenas “coisas belas” ou que “funcionem bem”. Esse é um cenário no qual as ações afirmativas não só se justificam por suas formas críticas de compreender e atuar, mas, também, devem conhecer bem para agir de forma justa e pertinente, no sentido de alcançarem relevância. Assim, a exclusão fortalece as características hierárquicas e autoritárias da sociedade em que vivemos, bem como aprofunda o processo de fratura social que marca o Brasil contemporâneo.

Nesse mesmo dia, *Flor* soubera da infeliz declaração de um professor de uma universidade pública baiana. Para ele, os baianos, na sua maioria, tinham uma inteligência que só lhes permitia tocar berimbau, porque este instrumento musical tem apenas uma só corda. Isso causou indignação em boa parcela da população universitária. *Flor* sabia que, tacitamente, aquele professor estava atingindo a maioria negra da cidade da Bahia, cantada em verso e prosa como a Roma Negra, derivação dos argumentos de Mãe Aninha, fundadora do Terreiro *Ilê Axé Opó Afonjá*, que considerava Salvador uma Roma Negra. Uma alusão à ideia de que Roma é o centro do catolicismo, a cidade de Salvador é o centro do culto aos orixás.

Flor já se encontrava na lida do seu dia de estudante, mobilizada pela profunda crença de que a sua história, escrita no presente, não poderia ser feita da obsessiva lembrança de um sofrimento escravo que aniquilava possibilidades emancipatórias.

Precisava daquela positividade que lhe era característica quando, por exemplo, se via admirada, tanto moral quanto intelectual-mente, como uma mulher de raça e de fé.

Acordara cansada neste dia, em face de um sono difícil, e não teve tempo de tomar o café da manhã aprontado pela sua mãe antes do dia nascer. Saiu correndo, passou na banca de Carminha, seduzida pelo cheiro do mingau que perfumava a rua e se deliciou com um estimulante copo de mingau de tapioca quente, que vez por outra tomava ao lado de trabalhadores que esperavam o próximo ônibus para o centro da cidade. Ao redor da banca de iguarias matinais, trabalhadores e estudantes conversavam animadamente esperando ser servidos.

Ao avistar o ônibus que, em geral, já vinha lotado de trabalhadores e estudantes, pensou:

– Sou uma beleza negra singularizada. *Eparrei Iansã*. Vamos à luta!

Encontrou seu amor Ângelo na frente da faculdade e foram de mãos dadas para a sala de aula, para lá encontrar seu leve e denso professor de Filosofia Africana. A luta de intelectuais negros e não negros conseguiu alocar essa disciplina no currículo de sua faculdade. À noitinha saíram sem pressa em direção ao bairro boêmio do Garcia. Foram ao lançamento de dois livros no restaurante “Aconchego da Zuzu”, publicados por seus professores sobre conhecimentos de possibilidades formativas e emancipacionistas, implicando a questão da educação do povo negro da Bahia. Era 13 de junho, dia de Santo Antônio. O restaurante tipicamente concebido para servir comidas tradicionais do cotidiano do povo baiano, localizado no oitão de uma casa no tradicional bairro do Garcia, prolongamento da residência de uma família de negros famosos na cidade pelas saborosas comidas, estava arrumado para festejar o Santo Antônio. Como na tradição dos bairros populares da cidade, havia um altar na entrada,

tudo enfeitado em cores vivas de papel crepom, muita reza, muitos cânticos em louvor ao santo casamenteiro e que abre as festas juninas por aqui. Enquanto os autores autografavam seus livros e abraçavam os colegas e amigos que chegavam, servia-se acarajé, abará, bolo de puba, de aipim, laranja de umbigo e bebiam-se licores de jenipapo, maracujá e laranja. *Flor* e Ângelo encontraram o professor Ubiratan Castro de Araújo, Bira Gordo que, sorridente, degustava um abará com a alegria de quem considerava a festa parte inseparável da sua vida como cultura vivida e luta. Neste aspecto, nada estava separado na militância cultural e histórica de Bira Gordo. Entretanto, perceberam que a saúde do professor de história dos negros da Bahia não lhe permitia mais o sorriso vicejante de outrora. O sorriso que iluminava a baianidade profunda de Bira Gordo estava cansado.

Meses mais tarde, *Flor* estava um tanto quanto angustiada, pois soubera que as dificuldades da saúde frágil do estimado professor negro se agravaram. Sua angústia se dissipara quando apareceram na sala colegas do Diretório Acadêmico ligados ao movimento *Cabelação*, a organizar eventos político-emancipacionistas e para divulgar mais uma atividade de luta política. Mais tarde, no cair da noite, enquanto comia um succulento pedaço de lelê na barraca da Dinha, acompanhada do seu amor, admirando o mar de Iemanjá que, naquele instante apresentava um azul brilhante de arrebatador os filhos da rainha do mar, percebera que os rostos das pessoas naquele três de janeiro não expressavam alegria. A conversa não era tão intensa como de costume num dos lugares mais poéticos da cidade da Bahia. A música para, os tambores silenciam, *Flor* fala para seu amor:

– Vixe! Vem cá meu nego, olha! O mar ficou meio cinza de repente... Meu Deus! Que houve?! Um dos poetas que recitava poemas de Castro Alves na praça chega de olhos vermelhos e plenos de lágrimas. Pronunciou o impronunciável para os negros da Bahia:

– Bira Gordo foi embora!

A voz estava trêmula, *Flor* perguntou:

– Quê?! Foi embora, como?!

O poeta aumentou a voz já totalmente embargada:

– Nosso professor negro, Bira Gordo, acabou de morrer.

Flor olhou para o mar cinza escuro e soltou um grito que veio das suas entranhas:

– Não, meus orixás! Não merecemos!

O Brasil e a Bahia perderam uma inspiração marcada pela alegria da baianidade, pela inteligência implicada à causa dos negros, um intelectual e historiador baiano que construía suas ideias de dentro dos cheiros, dos movimentos corporais, da expressão cultural, da religiosidade, dos ritmos e musicalidades afrobaianas, bem como das políticas e ações públicas concretas, conquistadas por eles, apesar dos limites do seu pesado corpo. *Flor* chorava copiosamente, amparada por Ângelo, sentados num banco do Largo da Dinha (Praça de Santana), ao lado das esculturas de Jorge Amado e de Zélia Gatai. Restava por alguns instantes naquele lugar de baianidade profunda, o cheiro forte do acarajé e o som quase inaudível de um berimbau, um quase-gemido, marcando aquele cenário poético preferido por intelectuais e boêmios da cidade da Bahia. Alguns minutos depois, surgiu, de forma intempestiva, do lado da escultura de Iemanjá, outro poeta das praças da cidade. Ouviu em silêncio o resto da triste notícia, virou-se, e bradou aos quatro cantos do mar da Bahia uma das suas poesias preferidas:²

2 Trecho da poesia *Negro Sereio*, de Sosígenes Costa.

*Minha santa da Bahia
Que saiu do ganzuá
Tome esse galho de ouro
[...] Você que é negra do cais
Cavalo do Rei Xangô
Esposa do babalaô
Com esse emblema de ouro
Será uma xaxanesa!
Imperatriz de Ajudá
[...] Tome esse galho de ouro
Vem sambar junto ao mar
[...] Que o rei do mar vai sair
Ao som desse xaque-xaque
Ao som desse xereré.*

Depois de ouvir o poeta, o olhar das pessoas perdeu-se na imensidão do mar cinza escuro se perguntando sobre alguém que já se encaminhava para o infinito das águas.

Flor e grande parte dos professores negros da cidade estavam presentes no velório para oferecer seus afetos a Bira Gordo que, mesmo morto, esboçava um leve sorriso no rosto. Muitos perceberam, naquele rosto, a alegria que não se foi do personagem de Jorge Amado, Quincas Berro d'Água, no seu leito de morte. Na missa de trigésimo dia da passagem do estimado Professor, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, no Pelourinho, chegava o momento fulcral de uma das homenagens religiosas a Bira Gordo. As negras da Irmandade da Boa Morte entraram no recinto onde se reverenciava o professor negro. O silêncio era profundo diante da força daquela tradição que viera da cidade de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia, onde o professor estava sempre presente realizando estudos, encontros e pesquisas implicadas em favor da força dos negros da Bahia, ao mesmo tempo em que se misturava ao povo da cidade e solvia a festa e as

manifestações religiosas como bem sabem cultivar a cultura afro-baiana por ali, na qual o sagrado e o profano não se anulam, onde religião e alegria de viver não se apartam. O branco das roupas contrastava com a negritude serena daquelas senhoras nascidas e criadas no Recôncavo baiano, região de densa religiosidade e cultura dos negros. Algumas daquelas senhoras tinham mais de 100 anos de vida. Uma onda de vestidos largos, brancos, cobertos de renda trabalhada em detalhes, tomava o lugar onde mais uma vez lembrava-se da marcante baianidade do intelectual negro morto, ainda vivendo a plenitude das suas atividades emancipacionistas.

Um canto sereno de despedida tomou conta do recinto onde o professor e historiador negro era reverenciado. Os sinos da velha igreja encravada no coração do Pelourinho tocavam de forma bem pausada, simbolizando despedida e saudade. Reverência e dor se misturavam. Um silêncio profundo percorria o Pelourinho, contexto marcado de histórias do povo negro da cidade do Salvador. Logo após, um timbau solitário executou um toque visceral de adeus. Lembrava-se ali que o professor deixara a sua Roma Negra de vez, ficando as marcas e as ressonâncias das suas realizações, do seu pensamento de historiador implicado às causas socioculturais dos negros e dos seus escritos emancipacionistas. Mas a marca maior foi seu sorriso que não desapareceu dos cantos densos de cultura afrobaiana da cidade. Negros, brancos, pardos, aos poucos saíam em silêncio, deixando a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Atravessaram o Pelourinho, cruzaram as ruas do centro da cidade e buscaram seus recantos.

Flor e *Ângelo* fizeram um caminho que sabiam que agradaria ao professor. Deixaram o Pelourinho rumo à Itapoan para tomar um cravinho e comer um acarajé, afagados por um samba de roda que cantava a esperança e o amor de uma negra e velha sambista do Recôncavo. Lembravam que Bira Gordo era um militante da alegria dos negros. Esboçaram um leve sorriso e entraram no samba de roda de raiz cantado por Dona Dalva Damiana de Cachoeira:

Beira mar
Ô beira mar
Riacho só corre pro rio
O rio só corre pro mar
O mar é morada de peixe
Quero vê você sambar
Ô crioula...

Meses depois, *Flor* e Ângelo andavam pelas ruas do bairro de Nazaré em passos apressados para assistir a posse de Mãe Stella de Oxóssi na Academia de Letras da Bahia. Não queriam perder este momento em que uma fonte fulcral de força cultural e religiosa acabara de ser conduzida por eleição para a Cadeira 33, antes ocupada por Castro Alves. Mãe Stella substituirá o professor e historiador negro Ubiratan Castro de Araújo, Bira Gordo. Estavam ofegantes por terem subido as ladeiras do velho bairro da Saúde, onde morava Ângelo. Estavam também ansiosos em face do atraso do ônibus e da expectativa do momento. Chegaram a tempo para ouvir parte do forte discurso de Mãe Stella de Oxossi.³

“[...] Quando fui iniciada para o Oríyá Òyösi, pelas mãos de Mãe Senhora, uma das filhas diletas de Mãe Aninha, eu tinha apenas catorze anos de idade. Em 1939, uma pessoa com essa idade era uma criança, que apenas obedecia a ordens, sem questionar o que lhe mandavam fazer. Se minha cabeça física sentia tudo aquilo como uma grande brincadeira, minha cabeça espiritual entendia que eu estava me comprometendo com algo muito sério. Ao ser iniciada, consagrei-me a Òyösi. Tinha, então, compromisso com essa divindade, com minha mãe de santo, de

3 Em: <http://www.geledes.org.br/patrimonio-cultural/literario-cientifico/160-literatura/21030-discurso-de-posse-de-mae-stella-de-oxossi-na-cadeira-n-33-da-academia-de-letras-da-bahia>. Acesso em 07/06/2015.

saudosa memória, e com toda família Opô Afonjá. Meu compromisso não foi selado com um anel. Ele foi selado com correntes fininhas, que simbolizam elos de uma grande corrente que une o Àiyé e o Ōrun, os homens e os deuses, o profano e o sagrado. Eu carregava elos de todas as cores: um arco-íris, uma ponte que me fazia transitar, ir e vir, da Terra ao Céu e do Céu à Terra [...]

[...] Não sou uma literata “de cathedra”, não conheço com profundidade as nuances da língua portuguesa. O que conheço da nobre língua vem dos estudos escolares e do hábito prazeroso de ler. Sou uma literata por necessidade. Tenho uma mente formada pela língua portuguesa e pela língua yorubá. Sou bisneta do povo lusitano e do povo africano. Não sou branca, não sou negra. Sou marrom. Carrego em mim todas as cores. Sou brasileira. Sou baiana. A sabedoria ancestral do povo africano, que a mim foi transmitida pelos ‘meus mais velhos’ de maneira oral, não pode ser perdida, precisa ser registrada. Não me canso de repetir: o que não se registra o tempo leva. É por isso e para isso que escrevo. Compromisso continua sendo a palavra de ordem. Ela foi sentenciada por Mãe Aninha e eu a acato com devoção. Em um dos artigos que escrevi, eu digo: ‘Comprometer-se é obrigar-se a cumprir um pacto feito, tenha sido ele escrito ou não. O verbo obrigar, que tem origem no latim *obligare*, significa unir, portanto, quando dizemos um “muito obrigado”, estamos sugerindo a alguém que nos fez um favor que a ele estaremos ligados, em virtude do favor que nos foi prestado. Obrigação é uma das palavras-chaves do candomblé: aquela que abre muitas portas. Fazer uma obrigação ou a obrigação, fica sendo, então, uma forma de estar cada vez mais unido aos oríṣa [...]

[...] Deixei para falar por último sobre meu antecessor, Ubiratan Castro de Araújo, Bira Gordo, e sobre o patrono da cadeira que ora ocupo, Castro Alves, O Poeta dos Escravos, pelos laços que nos unem. Cada um de nós lutando por honrar e glorificar um povo que, mesmo chegando escravizado ao Brasil,

soube fazer história, ajudando na formação de nosso país em todas as áreas. Cada um de nós lutando por esse ideal de acordo com a época em que viveu e com os dons que recebeu do Deus Supremo: A alma poética de Castro Alves gritou clamando pela liberdade física dos negros; Bira Gordo, com sua capacidade única de contar a história e estórias, tudo fez para mostrar a contribuição indiscutível deste povo; eu, como cultuadora de divindades, rogando sempre para que o orgulho que agora estou sentindo não faça com que minha jornada espiritual seja maculada, sigo esforçando-me no sentido de fazer com que a religião trazida pelo povo africano para o Brasil seja melhor compreendida e, assim, mais respeitada.

Foram apenas três os livros por ele escritos: A guerra da Bahia, Salvador era assim: memórias da cidade e Sete histórias de negro. Editou pouco, mas falou muito, muito, muito... E era uma fala deliciosa de ser ouvida. Em seu único livro de ficção, Sete histórias de negro, ele conseguiu reunir muito do que era, sabia e lutava. Para dizer o que Bira era, sabia e lutava, tomarei emprestado o que seu amigo, o jornalista e escritor, Emiliano Queiroz, disse sobre ele: “Quando a barra pesava, quando algum problema o atormentava, Bira punha-se a cantarolar como a se convencer de que os orixás pudessem socorrê-lo ou simplesmente como uma maneira de afastar os maus olhados e buscar socorro na poesia, que ela sempre ajuda, quanto mais quando a alma não é pequena, e a dele era do tamanho do mundo”. Concordo, por experiência própria, com a opinião de Emiliano Queiroz sobre Bira: “O mestre que compartilhava sua erudição como quem contasse histórias à beira da fogueira”.

Bira Gordo nos deixou há pouco tempo, em 3 de janeiro do ano em curso. Se hoje ainda estivesse conosco, digo fisicamente, é provável que buscasse na poesia de Castro Alves a força que precisamos para continuar enaltecendo um povo guerreiro, ao mesmo tempo pacífico e afetuoso, que soube amar e amamentar

quem os escravizou. Muitas pessoas, no passado e no presente, lutaram para que hoje eu pudesse, de maneira natural, fazer parte desta Academia. Uma delas foi o patrono da cadeira onde me firmo. Antônio Frederico de Castro Alves entoou gritos poéticos na tentativa de despertar a sociedade brasileira para a mais cruel de todas as atitudes humanas: a privação da liberdade.

[...] Eu sou o quinto elo da corrente que forma a cadeira de iyáloríyã do Ilé Axé Opó Afonjá. Eu sou a quinta pessoa a ocupar a cadeira 33 da Academia de Letras da Bahia. O número cinco é meu guia. Há setenta e quatro anos atrás, nesta mesma data, eu fui iniciada para o oríyã caçador – Ōyösi. Hoje é uma quinta-feira, dia consagrado a meuoríyã. Nada disso foi programado, nada disso é coincidência. É magia e destino!

O que escreveu meu confrade Paulo Costa Lima, quando fui escolhida para esta confraria, transmite com perfeição meus pensamentos sobre esse novo envolvimento em minha vida. Ele assim pensou e escreveu: “Hoje, 25 de abril, a Academia de Letras da Bahia jogou os búzios e o nome que apareceu foi o de Mãe Stella de Oxóssi, para ocupar a cadeira cujo patrono é Castro Alves, sendo o grande historiador baiano Ubiratan Castro o último ocupante. A escolhida se fez presente logo após a votação para o abraço e a manifestação do compromisso. Foi uma bela cena, e muito rara. Um encontro de erudições da África e da Europa. Na verdade, um gesto inovador que não pode deixar de ser levado em conta como paradigma de abertura de horizontes e de convivência das diferenças...na luta de afirmação da tradição afro-brasileira e, portanto, pelo respeito aos direitos à alteridade e identidade própria. Diante da contribuição civilizatória que a África trouxe ao Brasil, alguns preferem calar, outros reconhecem, mas acentuam a natureza oral dos conhecimentos e saberes [...]”

Mãe Stella rompeu essas barreiras (entre tantas), passou a defender uma representação mais sintonizada com os novos tempos, conectando oralidade e manifestações letradas.

Ângelo e *Flor* saíram da Academia Baiana de Letras fortalecidos, refletindo que fazer história implica em crer, realizar e viver ativamente o acontecimento. Pegaram o ônibus no Campo da Pólvora em Nazaré e foram para o Mercado do Peixe, no Rio Vermelho, para tomar um caldo de sururu com pimenta, acompanhado de uma caipirinha com bastante limão mirim. Era quase madrugada. Vieram também ouvir sambas de roda, sob a brisa fresca da praia em frente ao Mercado e contemplar um luar exuberante do eterno verão da cidade da Bahia. Naquela noite, o cheiro da maré vazante do mar da Bahia era profundamente relaxante. Do outro lado da rua, no Largo da Mariquita, em meio aos boêmios que ali se encontravam, uma poetiza da praça rompeu a cortina de fumaça da fritura da iguaria obrigatória do lugar, preparada ali na barraca do Acarajé da Cira, recitando inspirada a poesia “Olho de Lince”, de Waly Salomão:

*– Quem fala que eu sou esquisita, hermética
É porque não dou sopa, estou sempre elétrica
Nada que se aproxima, nada me é estranho
Fulano, sicrano, beltrano
Seja pedra, seja planta, seja bicho, seja humano
Quando quero saber o que ocorre a minha volta,
Eu ligo a tomada, abro a janela, escancaro a porta
Experimento, invento tudo, nunca jamais me iludo
Quero crer no que vem por aí beco escuro
Me iludo, passado, presente, futuro, urro
Reviro balanço, reviro na palma da mão o dado
Futuro, presente, passado
Tudo sentir total
É chave de ouro do meu jogo
É fósforo que acende o fogo
Da minha mais alta razão
E na sequência de diferentes naipes
Quem fala de mim tem paixão.*

Flor ouviu a poetiza de forma atenta. Sorriu discretamente pelo canto da boca e falou com dengo:

– É...meu nego, vem cá pra bem pertinho de mim, ouvi Ferreira Goulart dizer um dia que a poesia dilata a vida, porque a vida não é suficiente. É isso...

Abraçou e beijou profundamente seu negro amor.



V

NÃO SABIA QUE
ERA IMPOSSÍVEL





Implicada aos seus vínculos históricos, culturais e existenciais, *Flor* trilhou uma carreira acadêmica brilhante. Concluiu seu doutoramento com uma tese onde sua história de vida formativa e o cotidiano da sua vida social e política, como mulher negra, estudante e professora, filha de trabalhadores, foi mais uma vez a centralidade de suas descobertas e elaborações intelectuais. Aprendeu, o mais radicalmente possível, a não separar conhecimento e valores, conhecimento e cultura, conhecimento e vida, conhecimento e política, como modo de ser pelo debate valorado. Cerne do que assumira ao longo da sua formação pedagógica como a compreensão do que seria formação para ela. O título da sua tese de doutorado começa com a frase: “*De como tornar-se o que se é...*”¹.

1 Esse título é parte da denominação da Tese de Doutorado da Professora Doutora Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus, defendida no PPGE FAGED-UFBA, em 2007, com a denominação “De como tornar-se o que se é: narrativas implicadas sobre a questão étnico-racial, a formação docente e as políticas para equidade”.

Foi aprovada no concurso da Universidade do Recôncavo da Bahia e, nesse sítio acadêmico e cultural denso de pertencimentos, elaborou sua itinerância intelectual e de educadora implicada às causas dos negros dessa historicamente emblemática região baiana. Com os professores Orlando, Cássia e Vanda, brilhantes e sensíveis professores negros, implicados na formação dos professores da escola básica e na formação cultural do povo negro da Bahia e do Brasil, pensou, criou e começou um conjunto de ações educacionais afirmativas, fazendo com que o sentido de universidade fosse profundamente vinculado aos processos locais de formação com forte viés histórico-cultural.

Para *Flor*, o Recôncavo da Bahia era um “país” inspirado na história afrodescendente que ali fincou e (re)elaborou seus *akhés* religiosos e culturais. Responsável pelas ações afirmativas de uma Pró-reitoria da Universidade do Recôncavo, *Flor*, juntamente com Orlando e Cássia, instituíram políticas e ações afirmativas, publicaram obras implicadas na formação de jovens negros do Recôncavo, realçaram o papel dos processos de pertencimento e da ancestralidade como pautas formacionais na universidade, bem como se inseriram no debate sobre conhecimentos que formam a partir da valoração desses conhecimentos. Implicaram estudantes nas suas publicações, empoderando a educação das relações étnico-raciais no sítio de pertencimento cultural que é o Recôncavo da Bahia. Como líderes formativos, atraíram jovens pesquisadores que tinham na implicação sociocultural um modo de criação de saberes de potencialidades formativas. Transformaram-se em fractais mediadores de formação, nos quais a construção de processos emancipacionistas, via formação, eram as centralidades e as ressonâncias das suas ações. Profunda implicação histórica e cultural com o povo negro marcaram o que construíram como pluriversidade.

Num forte ato simbólico vinculado à implantação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, *Flor* acompanhou o

professor Claudio Orlando do Nascimento para receber, vindo de Angola, um exemplar da árvore Baobá. Esta árvore foi plantada no local onde se implantará a sede definitiva da Universidade na cidade de Santo Amaro da Purificação. O Baobá simboliza a memória dos ancestrais negros e suas lições de vida, os conhecimentos e as expressões de sabedoria dos antepassados, reforçando fortes identificações com o território, a história e a cultura do Recôncavo da Bahia e seus potenciais formativos.

Anos mais tarde, apaixonado pelo corpo, pela alma, pelo pensamento e pelas fulcrais ações formativas de *Flor*, pensativo, com o peito apertado, Ângelo atravessou com seu carro os montes e o Vale do Jequiriçá, em direção à cidade de Amargosa, para encontrar-se com *Flor*, que estava envolvida em ações de formação de professores nessa região onde se instalou uma das faculdades da UFRB. Seu pensamento estava imerso nos belos e verdes montes da região, pois não parava de olhar a singularidade estética do lugar. Procurava, em vão, entre as montanhas incertas, as palavras certas para dizer a *Flor* sobre sua difícil decisão, que o fez viver ambivalentes sentimentos de felicidade, saudade antecipada e doída, mas contida pela serenidade do seu projeto de vida. Ganhara uma proposta de trabalho para realizar pesquisas na Universidade Pedagógica de Moçambique, que implicava a possibilidade de aprofundar seus interesses em conhecer de dentro a África mãe de onde vieram suas ancestralidades. Murmurava, desde a notícia da proposta, a música de Chico César: “Mama África...” Estava mobilizado intelectual e afetivamente. Decidira mudar-se para Maputo, capital daquele país, para se engajar na formação de professores africanos. À tardinha, encontrou-se com *Flor* na pousada onde ela se hospedava. Na varanda, em frente aos montes verdes que se entreteciam, admiravam um florido, belo, imponente, mas solitário ipê amarelo, que se destacava no incerto tapete verde dos montes. Tomavam um licor de jenipapo para atualizar a conversa e beliscavam uma carne do

sol com aipim frito, com cheirosas rodela de tomates vermelhos da terra, à espera da hora do jantar. *Flor* descansava e relaxava no ombro de Ângelo, após uma cansativa jornada formativa com professores da região. Mas Ângelo não disfarçava a tensão. Com rosto contraído, virou-se e falou para *Flor*.

– Quero te dizer uma coisa. (O olhar estava fixo no imponente, florido e solitário ipê amarelo).

– A proposta de trabalho chegou e as passagens também. Viajo para Moçambique semana que vem. Tinha falado há algum tempo com você sobre essa possibilidade, sobre esse desejo que acolho na minha vontade política e implicação cultural.

Seus olhares se encontraram querendo sentir suas almas. *Flor* sorriu levemente e seus olhos se umedeceram até que uma só lágrima escorreu sobre o lado esquerdo da sua face. Com voz trêmula e uma segunda lágrima a escorrer pelo seu rosto absorvido, agora fixando o imponente, belo, mas solitário ipê amarelo, soltou seu grito de dor para dentro da sua alma. Logo depois, respirou fundo e falou:

– Cê vai embora, meu nego? É isso?

– É isso. (Responde Ângelo de forma curta num quase murmúrio).

– Meus orixás...que faço eu da vida agora?! (murmurou *Flor*).

O olhar de *Flor* perdeu-se entre os incertos montes que estavam à sua frente.

A mulher forte, determinada, desorientava-se profundamente. Uma das suas referências afetivas mais importantes, seu ancoradouro de quase todos os dias, anunciara a sua ausência cotidiana de sua vida. Pensamento sem rumo, percebia apenas o tapete verde dos montes onde estava encravada a cidadezinha de

Amargosa, parando na imponente solitária do ipê amarelo que se destacava a quilômetros dali, densamente florido. Tomou, de uma vez só, o resto do licor de jenipapo. O prato de carne do sol sobrava quase pleno ao lado da mesa, as gargantas de *Flor* e Ângelo estavam quase fechadas. Os dois calaram-se por um longo tempo, olharam-se, querendo que suas imagens ficassem cravadas nas suas memórias pelo medo da perda. *Flor* tomou a iniciativa e quebrou o silêncio passando levemente a mão no rosto de Ângelo.

Falou com voz embargada:

– Não quero parar de te olhar...Vai, mas volta pra mim meu nego... pensar nisso me faz continuar lutando pelo amor que alimenta meu dia a dia. Você sabe, você e eu, para mim, é uma história só, é tudo junto e misturado...(Esboçou um sorriso leve sem qualquer alegria).

Continuou sorrindo levemente em meio ao choro contido. As lágrimas agora escorriam pelo rosto com mais densidade. Ângelo beijou suavemente o rosto molhado de *Flor*, sentiu o gosto densamente salgado do sentimento doído da sua amada. No pensamento de *Flor* duas frases se repetiam compulsivamente:

– Um pedaço de mim se vai... Como viver sem ele?

Tomada pelo seu sentimento de saudade antecipada, a mulher forte, autônoma, determinada, vivia desejos estranhos. Imagens e sentimentos que a incomodavam teimavam em chegar e sair do seu pensamento:

– Vai não, meu nego! Largo tudo e vou com você! Vou seduzi-lo para desistir... Não, não, não sou essa que pensa desse jeito! Não tenho esse direito. Ele tem projetos de vida e de formação dignos, eu também os tenho, esse amor vai ter que resistir!

Horas nesse embate silencioso com ela própria, fez com que *Flor* sentisse o corpo dolorido, a cabeça pesada e o peito com um incômodo peso angustiante.

O jantar foi colocado na mesa. Ela serviu Ângelo lentamente, num gesto de carinho e cuidado, na porção certa de cada pedaço de galinha de quintal ao molho pardo que pediram, com duas pimentas do cheiro vermelhas “para dar gosto”, como se fala por ali. Cada colher de pirão feito do caldo da galinha era colocada por *Flor* no prato de Ângelo. Cada movimento das mãos e dos olhos de *Flor* diziam:

– Não vai não, meu nego, fica comigo...

O cheiroso prato de galinha de quintal ao molho pardo era tocado por *Flor* e Ângelo. A dor da saudade antecipada embotava o apetite e a sedução do prato regional. Esse momento era obstado por outros desejos mais fortes, mais profundos, mais demandantes, mais desestruturantes.

– Me dá seu lenço, vou levar comigo.

Ângelo indaga:

– Prá quê?

– Quero levar comigo um pedaço de você: seu cheiro... (Ângelo sorriu levemente).

Andaram um pouco pelas ruas da cidade, sem rumo, com os olhares perdidos em direção ao tapete incerto dos montes verdes. De longe, o solitário e imponente ipê amarelo era a única referência destacada que surgia vez por outra quando cruzavam as ruas enladeiradas sem qualquer direção fixa. O vento da noitinha soprava e acariciava o rosto sofrido de *Flor*.

Era noite. Ângelo precisava voltar para Salvador por causa de um compromisso com o sindicato de professores. Viera a Amargosa somente para encontrar sua amada e dar-lhe pessoalmente a notícia da sua decisão. *Flor* precisava ficar para dar continuidade ao seu trabalho de formação de professores, diversidade cultural e educação emancipatória. Um projeto que vinha supervisionando na Universidade do Recôncavo da Bahia.

Flor e Ângelo viviam o sofrimento da incompletude, da diferença como experiência humana irreduzível, produzidos por projetos profissionais e existenciais que começavam a separá-los, acrescidos com a experiência da dor que, também, “a facão”, lhes formavam. Realizações e não realizações têm seus lados formativos. Projetos de vida e de formação não estão prescritos como um percurso planejado para sempre. *Flor* e Ângelo estavam vivendo essa aprendizagem intensamente, nos seus corpos e nas suas almas.

Os dois sentiam a intensa fragilidade da capacidade humana e procuraram suas mãos de santo para se aconselhar e tomar banhos de folhas que fortaleciam almas sofridas por amor.

Flor procurou dona Maria Preta, rezadeira do lugar, e pediu que fosse rezada com folhas de aroeira e vassourinha para fortalecer sua alma em sofrimento. Tarde da noite tentava conciliar o sono. Um sabiá desgarrado da sua parceira cantava sem parar numa árvore ao fundo da pousada. *Flor* tinha um sono entrecortado com o desejo de que Ângelo estivesse ali, a afagar seu corpo, compartilhar seu sono e acordar esfregando-se um ao outro, quem sabe lhe proporcionando um profundo gozo que a deixaria leve e disposta para, com alegria, enfrentar os desafios do dia a dia do trabalho de formadora de formadores. Entretanto, Ângelo não estava ali, iria embora, essa era a sua realidade. Pegou o lenço com o cheiro do seu amado, colocou-o ao lado do rosto e dormiu. Acordou ao amanhecer com a claridade penetrando por uma das frestas da janela do seu quarto e pelos cânticos frenéticos dos bem-te-vis, curiós, cardeais, sanhaços,

papas-capim e canários da terra. Do seu quarto, ouviu passos apressados, abriu a janela e viu trabalhadoras e suas companheiras conversando alegremente motivadas pelo caminhar juntas ao encontro da sua lida na roça.

– Elas sou eu! *Eparrei Iansã!*

Flor saltou da cama e começou a arrumar o seu dia de atividades. Encontrará com educadores Griôs que chegaram de Rio de Contas para mostrar e trocar experiências educacionais baseadas na densidade das culturas locais, bem como receberá representantes de quilombos com o objetivo de implicar a universidade nas lutas renhidas pelos seus direitos históricos por território, trabalho, educação emancipacionista e qualidade de vida.

Após um dia de trabalho fecundo, dormiu uma noite mais apaziguada. O amor implicado pelo seu trabalho, os afetos que surgiram dos processos formativos fizeram com que a dor da saudade antecipada por Ângelo cedesse um pouco de espaço à felicidade produzida pelo amor coletivo construído pela sua vida de educadora engajada politicamente. À noite, ouviu dois cantos de sabiás.

– Os sabiás se reencontraram! (Imaginou *Flor*). Seus olhos brilharam por instantes. Dormiu novamente com o lenço do seu amado próximo do rosto.

No café da manhã, após comer uma cheirosa manga espada cultivada nas roças do lugar, ouvindo no rádio da pousada um sambinha do Recôncavo cantado por Roberto Mendes, “Ah...eu vim de Ilha de Maré, minha senhora...”, degustava um mungunzá quente, levemente salpicado com pó de canela. Ao comer vagorosamente a deliciosa iguaria que acalentava seu peito e aquecia sua alma matinal, pensava numa frase pronunciada pelo seu professor

preferido, ao comentar o filósofo Sartre: “As escolhas são mais importantes do que a vontade. Sou as minhas escolhas”. Esboçou um sorriso irônico e se perguntou em silêncio:

– Será?!...Acho que posso também transformar minhas escolhas em vontade!

Em seguida levantou-se e afirmou em silêncio:

– É isso...quero acreditar! *Eparrei Iansã!*

O carro da universidade buzinou na porta da pousada.

Envolvidos e profundamente implicados nos seus projetos de vida, *Flor* e *Ângelo* se distanciaram. Viviam a incompletude das realizações da vida. Iam aprendendo a viver com o acontecimento afetivo. Imprevisto e incerteza faziam parte da experiência formativa das suas vidas vividas. *Ângelo* tornou-se professor universitário em Moçambique, *Flor* foi empossada Pró-Reitora de Ações Afirmativas da sua universidade.

Anos depois, com a intenção de descansar e rever o lugar onde nasceu e os seus parentes quilombolas, *Flor* viajou para passar o carnaval em Rio de Contas com Carlos, seu colega e amigo. Nesses dias de carnaval, a cidade estava enfeitada e suas bandas de marchinhas ensaiavam por todos os cantos das ruas coloniais. *Flor* e Carlos saíram para rever amigos de longas datas e tomar uns goles da cachaça Serra das Almas, fabricada numa fazenda local, depois de chegarem da feira, onde cedo compraram rapadura, picadinhos de chuchu, aipim, galinha de quintal, cheirosas linguças de porco, couves bem verdes, tomates da terra e trouxinhas de coentro que perfumavam o conjunto das compras.

À tarde, as bandinhas arrastavam blocos e pessoas pelas enfeitadas ruas da bela cidadezinha. Apareciam e desapareciam a cada esquina misturando seus sons e ritmos às cores vivas dos

belos casarios coloniais. A alegria do carnaval da cidade contagiava *Flor* e Carlos. Entraram na folia e reencontraram amigos comuns. Com o braço no ombro de *Flor*, Carlos cantava feliz acompanhando a alegre marchinha tocada pela banda. Naquele momento, seu afeto reprimido ultrapassava a amizade. Após uns goles da cachaça Serra das Almas e movido pelo embalo libertador do carnaval, seu afeto estava prestes a se manifestar de forma mais densa. Apertou mais um pouco o corpo de *Flor* e seu braço desceu até cintura. Num jogo afetivo, mas cuidadoso, *Flor* concedia a proximidade, afinal, era carnaval... Cantavam e dançavam acenando para outros amigos que, dançando nos passeios dos casarios coloridos olhavam as bandinhas que passavam. Vez por outra, a depender da música tocada e da passagem de algumas paisagens, *Flor* lembrava-se de outros carnavais daquele lugar, nos quais foi profundamente feliz quando criança e, mais tarde, como estudante, ao lado de Ângelo, seu negro amor. As bandinhas emendavam uma marchinha na outra: “Quanto riso, oh! quanta alegria, mais de mil palhaços no salão, arlequim está chorando pelo amor da colombina, no meio da multidão...” “Oh! colombina porque estás tão triste, mas o que foi que aconteceu...” *Flor* acompanhava solvendo a música na sua alma alegre, mas sua voz embargou na última frase da música, sem a completar. Carlos, afetivamente atento, perguntou:

– Que foi?

Ela respondeu:

– Saudade de outros carnavais...

Seguiram abraçados dançando pelas ruas de Rio de Contas. O coração de *Flor* batia agora em ritmo bem diferente. O calor do corpo de Carlos a incomodava. Ela se afastou um pouco e deu

um jeito de dançar só. De repente, sentiu algo estranho, como se Ângelo estivesse presente, bem como seu cheiro de suor que tanto a excitava. Pensou um tanto quanto perplexa:

– Meu nego tá aqui? Que é isso que tô sentido, meus orixás?!

O povo da cidade engrossava a pequena multidão que seguia as bandinhas. *Flor* não desistiu da festa ao lado de Carlos, entretanto, estavam afastados pelos sentimentos de premonição de *Flor*. Outra bandinha passava ao lado, os blocos disputavam quem tocava e cantava mais alto. Numa outra esquina, surgiu de repente e imponente um estandarte azul contornado de adereços cor de ouro, acompanhado por um grande tapete de pessoas predominantemente negras, vestidas de branco e azul. Era um afoxé com seus tambores profundos e ressonantes agogôs a chamar os orixás e o povo para sentir a força dos sons oriundos dos candomblés da região. *Flor* para de repente e olha:

– Meus orixás...Que lindo! Separou-se discretamente de Carlos, saiu do bloco arrastado pela bandinha de marchas carnavalescas e esperou o afoxé que foi se aproximando. Seu corpo mudou de ritmo, seu coração bateu mais forte, seu peito estava pleno de emoção. Sentiu com estranheza que seu corpo e sua alma viviam este momento de forma muito intensa. O afoxé se aproximou mais, seu coração acompanhou no mesmo ritmo os tambores profundos e agogôs ressoantes. *Flor* estava tomada pelos sons e cânticos dos orixás. Agora só, num ímpeto que tomou sua alma e seu corpo, dançou a dança dos orixás acompanhando bem de perto o afoxé pelas ruas da cidade. Já era noiteinha. Eis que, de dentro dos movimentos do afoxé e do escuro da noite, vinda de algum lugar que ela não sabia bem, uma mão tocou de leve seu ombro por trás. O toque e seu calor estremeceram o corpo de *Flor*. Uma voz forte, grave, porém macia pronunciou:

– Eu sabia que cê tava aqui, minha nega...

Flor sentiu sensações de vertigem em meio ao som da música dos orixás.

Murmurou, ainda sem saber direito de quem era a voz, porque tinha medo do que estava sentindo:

– Estou sonhando?!

Ângelo respondeu, sorrindo com leveza:

– Não minha nega, vire-se, sinta o cheiro e se belisque!

Abriu um sorriso tão feliz quanto sedutor.

Com a voz trêmula, perplexa, olhando com seus grandes olhos cor de mel para os olhos verdes de Ângelo, *Flor* falou:

– Meus orixás! Vocês me fizeram sentir isso?! Estou novamente mergulhando nas águas profundas do amor da minha vida?

Ângelo sussurrou no seu ouvido e viu os olhos dela se fecharem, bem como seus lábios se abrirem lentamente:

– Eu pedi aos meus orixás que meu desejo maior e minha trama se realizassem, minha neguinha...não aguentei a distância...não tinha mais sentido. Então...tô aqui!

O afoxé seguiu sua itinerância cantante a homenagear seus orixás: “Odara, Odara, esse axé que nos conduz tem poder e união. Odara...”

Flor e Ângelo já estavam de mãos dadas e bem apertadas com medo de acordar de um possível sonho. Dançavam a dança dos orixás. Rodavam e tocavam-se movidos pelo som dos

tambores, pelos cânticos e pelo intenso desejo recalcado pela distância. Religiosidade e sexualidade não se apartavam ali, não conseguiam se apartar. Para *Flor* e Ângelo não deviam se apartar. Não havia pecado, segundo suas religiosidades.

Subiram abraçados a caminho da pousada onde *Flor* se hospedava, de onde se avistava o imponente Pico das Almas. Ao chegar não puderam conter o desejo dos seus corpos e a felicidade do reencontro. Sentaram-se diante da beleza dos montes da chapada, floridos pelos cambuís densos de flores amarelas. Pediram um suco de graviola para acalmar a ansiedade com tantos desejos e perguntas.

– Por que cê veio? (Olhou dentro dos olhos de Ângelo).

Veio de vez?

Pálida, olhou novamente nos olhos de Ângelo e esperou aflita uma só resposta. Aquela que ela queria da profundidade da sua alma.

– Cheguei de vez, neguinha. Lá estava ótimo. Uma experiência que marcou e marcará pra sempre minha vida de professor pesquisador implicado à minha história e cultura. Mas, nunca estive inteiro. Angustiado procurava uma resposta pra esse incômodo que amanhecia e adormecia comigo. Briguei muito com minhas convicções políticas, mas o desejo maior que me tomou de forma incontrollável está aqui ao meu lado.

Flor encheu os olhos de lágrimas, seus lábios tremiam.

Ângelo continuou a conversa:

– Com você minhas convicções serão preenchidas com algo que me dá força visceral. Eu não sabia disso. Não lhe avisei que viria, por medo do que, em geral, o tempo e a distância fazem com os

amores. Muitas vezes os apagam para sempre, os confundem. Nem sempre os amores são mais fortes do que a distância e o tempo que os separam. Morria de medo, pedaço de mim. Morria de medo de mim mesmo. Poderia estar cultivando uma fantasia afetiva só minha.

Beijaram-se profundamente e sentiram na alma o calor dos seus lábios. Agora os montes já não tinham mais um só ipê amarelo destacado, os cambuís os cobriam de flores de um amarelo suave, entrecortadas por cactos e bromélias expondo suas flores de um vermelho exuberante.

Nos aposentos de *Flor* os dois se entregam a uma noite de amor e explosões de gozo que nunca esquecerão. Não tinham se alimentado durante o período da tarde, mas a fome maior era de um amor adormecido por quase inanição. Saudade, desejo intenso recalcado, carinho e admiração criaram uma mistura que chegava ao limite do prazer dos seus corpos e das suas almas.

Deitados num rio de suor, pelo intenso amor vivido, a contar as novidades, abriram as janelas e admiraram, no final da madrugada, o singular céu estrelado de Rio de Contas. Se ofereceram ao luar que caía atrás dos montes floridos. Amanheceram o dia imaginando novamente que estavam sonhando. *Flor* sorriu e com voz mansa sussurrou:

– Vamos nos beliscar, meu nego?!

Enroscou-se no pescoço de Ângelo e resolveu lhe dar uma pequena mordida.

– Agora viu se é verdade o que tá acontecendo?! Sorriu de forma sedutora.

No café da manhã falaram de amor e projetos formativos sempre tendo a cultura e a história do negro como referências. Pensaram numa universidade cultural e historicamente referenciada.

Com jeitinho todo manhoso, *Flor* virou-se repentinamente para Ângelo e falou:

– Meu nego, esqueci de lhe dizer, estou no meu período fértil!

Os dois gargalharam alta e intensamente e saíram para mais um dia de carnaval em Rio de Contas. Foram encontrar seus amigos Gil e Denise, que chegaram de Salvador para viver sua cidade xodó. Planejavam ir novamente à atrativa feira da cidade e a passeios pelos montes da região, para caminhadas que nunca deixavam de surpreender face à beleza das formações montanhosas e as raras flores e pássaros que habitavam as formações mais altas.

Numa visita ao Quilombo da Barra, onde nascera, *Flor* revelou um desejo para Ângelo:

– Que acha, meu nego? Ando pensando em não desfazer mais esse ninho... (Sorriu). – Que iremos fazer do nosso amor?! (Olhou fixamente para Ângelo).

– Quê? (Respondeu Ângelo um tanto quanto surpreso).

– Olhando esses montes penso que deveríamos nos casar por aqui.

– Onde?

– Ouça bem, meu desejo sonhado: semana que vem quero estar com você, sexta-feira, ao cair da tarde, no Pico das Almas e nos casarmos lá, tendo apenas como presença nossos orixás. Nos prometeremos diante deles, é o suficiente pra mim. Que acha?

– Maravilhoso! (Responde Ângelo com os olhos em brilho).

Ângelo beijou *Flor* profundamente embaixo de um cajueiro carregado de cajus vermelhos. Tira um caju bem carnudo, limpa na camisa e oferece a *Flor*. Ao morder a fruta succulenta sentiu que estava muito doce. O mel do caju escorria por um canto da boca de *Flor*. Ângelo a abraçou e, com um beijo suave, tocou seus lábios temperados de mel de caju.

Na semana seguinte, ainda em Rio de Contas, numa sexta-feira, ao entardecer, vestidos de branco, com seus colares de Oxum e Iansã, Ângelo e *Flor* estavam no Pico das Almas, a quase 2.000 metros de altura, para se casar diante de uma natureza exuberante e tendo seus orixás como convidados. De mãos dadas, com duas orquídeas brancas nas mãos, sob um tapete de beldroegas amarelas e sempre-vivas vermelhas que brotavam do chão, contemplavam a imensidão da Chapada Diamantina. Abraçados, juraram amor para a vida conjunta que viveriam diante dos seus orixás.

Dois sabiás cantavam numa aroeira ao lado. Como é comum no entardecer da Chapada, um repentino sopro de vento suave e frio tocou seus rostos. O sol se escondeu e um luar de prateado intenso apareceu. Uma pequena nuvem carregada de chuva pairou sobre suas cabeças e, momentaneamente, molhou por completo os amantes que se prometiam. Brindaram com um apurado licor de jenipapo que aqueceu seus peitos já frios pelo vento da tardinha que soprava nos montes. Deixaram um pouco do licor na boca e, entre os lábios, beijaram-se intensamente, trocando de dentro das suas bocas a bebida já morna pelo calor das suas salivas.

Caminhando em meio ao tapete de beldroegas e sempre-vivas, desceram o grande pico admirando as orquídeas e begônias que cresciam nas copas das árvores de pau-d'arco. Voltaram para seus aposentos na cidade. Uma noite de amor intenso estava por acontecer, agora com a suavidade de dois companheiros de afeto profundo, decididos a compartilhar a vida cotidiana e convencidos de que se precisavam.

Anos depois, os professores *Flor*, Cássia, Vanda, Orlando e Rita chegaram a Santo Amaro para dinamizar o Centro de Cultura da Universidade do Recôncavo. *Flor*, Cássia e Orlando estavam na Casa do Samba planejando ações formativas e culturais em favor de processos formativos emancipacionistas para a região, movidos por seus *arkhês* afrobaianos. Ao saírem do trabalho intenso,

foram andando à tardinha pelas ruas calçadas de Santo Amaro, tomando gole a gole, bem devagar, um licor de maracujá bem apurado para abrir mais o apetite. Cumprimentavam as famílias que, no calor do verão, sentavam nas portas das coloridas casas coloniais da cidade para se refrescar.

Chegaram para comer a maniçoba que já cheirava à distância e ouvir um samba chula característico da cidade. Dona Maria, cozinheira da melhor maniçoba do lugar, localizado na beira do Rio Subaé, sorrindo, interpelou os professores universitários:

– Não se canta e não se faz samba de roda na Bahia como aqui, meus negos!

Flor respondeu:

– Nem se faz uma maniçoba tão gostosa, minha nega!

Todos sorriram alta e longamente.

Na conversa alegre, mobilizada pelos prazeres de um samba chula, do licor de maracujá e da succulenta maniçoba, *Flor* retomava um pouco as suas reflexões conversando com Orlando, Vanda, Cássia e Rita:

– É...colegas, tenho pensado muito numa certa síntese construída ao longo da minha vida. A compreensão do mundo deveria passar sempre pelo despertar político de cada um sobre essa própria compreensão. Do contrário, não há formação no sentido histórico, cultural e existencial, enfim, valorado. Esse poderia ser o mote que deveria orientar os currículos das formações que construiremos por aqui.

Já a noitinha, viola e pandeiro recomeçaram o samba. Todos olhavam o sambista de sorriso largo e voz malemolente cantar

um samba de Dona Nicinha, sambadeira do lugar e matriarca do samba de roda de Santo Amaro:

Eu nunca vi tanta areia no mar

Sereia, sereia

Eu nunca vi tanta areia no mar

Sereia, sereia

Ah! eu quero nadar

Mamãe me leva

Ah! eu quero nadar

Mamãe me leva [...]

Para Dona Nicinha, as crianças de Santo Amaro da Purificação já nascem sambando.

Na volta para casa, o grupo andava devagar pelas ruas da cidade. A brisa noturna acalentava os rostos acalorados de um dia de verão do Recôncavo. *Flor* parou o grupo e, com seu sorriso largo, deu uma notícia com os olhos brilhando:

– Gente, tenho uma surpresa. Estou grávida! Esqueci de dizer mais cedo pra vocês. De gêmeos!

Vanda, Cássia e Rita deram um abraço coletivo em *Flor*, em plena rua, e lhe beijaram longamente no rosto. Orlando deu um beijo na barriga da colega e falou para todos ouvirem:

– Que *Oxum*, que toma conta das vidas nascentes, proteja seus bebês.

– Como vão se chamar? (Indagou, sorrindo, Cássia).

– O menino se chamará Ubiratan e a menina Iemanjá. É o que pensamos por enquanto.

– Homenagens? (Perguntou Orlando).

– Sim! Já conversei com Ângelo.

Sorrindo de felicidade, o grupo abraçou *Flor* com a ternura com a qual se abraça uma mulher que carrega no seu ventre vidas em formação. *Flor* estava mais bela e forte como mulher que acolhia no seu ventre duas vidas frutos do seu profundo e amplo afeto por seu negro amor.

Meses depois nasceram Ubiratan, que seria conhecido em Salvador, na sua juventude, como Bira Cor da Noite, e Iemanjá, apelidada de Brisa, pela leveza da sua forma de ser. Bira se tornou historiador dos negros do Brasil e fez doutorado na Sorbonne sobre a história dos escravos do Recôncavo da Bahia. Como educador liderou a luta pela emancipação formativa dos negros. Iemanjá cursou medicina coletiva, com especialização em anemia falciforme, que atinge predominantemente os negros no Brasil. Uma patologia que até hoje não recebeu os aportes das políticas públicas de saúde que merece.

Envelhecidos, *Flor* e Ângelo eram convidados por escolas, universidades brasileiras e estrangeiras para contar suas histórias como narrativas implicadas de formação cultural e historicamente referenciadas. Fizeram parte dos *arkhês* formativos do povo negro e lutaram, por toda a vida, contra as iniquidades sociais nas quais a maioria dos negros ainda vive.

Ao concluir uma das suas *aulas-vida* ao lado de Ângelo, numa atividade inaugural de um ano letivo da Universidade do Recôncavo, *Flor* argumentou novamente para um público de jovens estudantes:

– A compreensão do mundo deverá passar sempre pelo despertar político de cada um sobre essa própria compreensão. Além de heteroformação é, acima de tudo, profunda e amplamente, autoformação.

Ângelo balançou a cabeça de forma afirmativa, sorriu e beijou longa e levemente os lábios de *Flor*. Uma transgressão descon-

certante para aquele cenário feito para conservadoras formalidades acadêmicas. Os estudantes, em êxtase, gritaram, assoviaram e os aplaudiram longamente. A *Orquídea Negra* reluzia em vários tons que marcavam na alma os que tinham na pele as cores da noite. Ao sorrir, seu perfume tocava cada jovem no fundo das suas sequiosas almas por aprendizagens formativas e de possibilidades emancipatórias.

Ubiratan e Iemanjá chegaram à universidade para levá-los a um samba de roda em Cachoeira, organizado em homenagem à sambista Dona Dalva Damiana e em comemoração à sua ascensão à Doutora *Honoris Causa* da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Após o samba, atravessaram a velha ponte Dom Pedro II para saborear uma sedutora maniçoba no restaurante de Edna, em São Felix, do outro lado do Rio Paraguassú. Lá encontraram Naira Pataxó, que há anos não viam, agora professora do Curso de Licenciatura Indígena do Instituto Federal da Bahia, uma das suas conquistas existencial, social e culturalmente marcantes, onde estudavam, predominantemente, futuros professores dos povos indígenas do sul da Bahia.

Abraçaram-se longa e afetivamente.

O perfume de diferença fecunda da *Orquídea Negra* começou a se fazer mito fundador. Como um *arkhé* existencial e cultural estendeu com luta, paixão e sabedoria suas pétalas. Elas embelezaram, cuidaram e possibilitaram a germinação de experiências formativas fecundas. Assim, realçando tradições fulcrais, inventou um presente e um futuro formacional. No seu florescer, sempre em devir, continuou *não sabendo que era impossível*.

A Orquídea Negra é um romance de formação. Trata-se de um gênero da literatura mundialmente cultivado, que tem como centralidade narrar a vida por acontecimentos que emergem de fulcrais experiências de aprendizagem dos seus personagens. Faz-nos mergulhar em como, vivendo determinadas situações, momentos e épocas, pessoas constroem sua formação em meio a seus contextos culturais, levando-nos a compreender por mimesis, como nos formamos a partir das nossas vivências, das nossas interações, envolvendo nossos desejos, nossas capacidades intelectuais e pertencimentos socioculturais. Flor, a personagem principal desse romance, é uma estudante universitária negra, filha de trabalhadores rurais e quilombola da Chapada Diamantina, que decide, em meio ao seu processo de formação, enfrentar as formas de invisibilização que os saberes escolares e acadêmicos ditos formativos lhe impõem, numa busca tenaz e comovente por sua emancipação existencial e sociocultural.

A ORQUÍDEA NEGRA



ISBN 978-85-7455-465-5



9 788574 554655